UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Técnico-Mestre e Atleta-Herói:
uma leitura simbólica dos mitos de Quíron e do Herói entre técnicos de voleibol

David Alves de Souza Lima

São Paulo
2012

Técnico-Mestre e Atleta-Herói:
uma leitura simbólica dos mitos de Quíron e do Herói entre técnicos de voleibol

David Alves de Souza Lima

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Katia Rubio

Lima, David Alves de Souza

Técnico-mestre e atleta-herói: uma leitura simbólica dos mitos de Quíron e do herói entre técnicos de voleibol / David Alves de Souza Lima. – São Paulo: [s.n.], 2012.
88p.

Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Kátia Rúbio.

1. Técnico 2. Mestre 3. Mito 4. Herói 5. Quíron 6. Atleta 7. Liderança I. Título.

Nome: LIMA, David Alves de Souza

Título: Técnico-Mestre e Atleta-Herói:
uma leitura simbólica dos mitos de Quíron e do Herói entre técnicos de voleibol

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Katia Rubio (Presidente) Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Soraia Chung Saura Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Rogério de Almeida Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Algumas pessoas foram fundamentais na realização desta dissertação e são merecedoras de minha gratidão:

Meus pais, em primeiro lugar, pelo simples fato de só poder estar onde estou hoje graças a permanente ajuda que sempre me dão.

Minha mãe, Maria Zelia, em especial, por todo o apoio que me deu para que pudesse me enriquecer com a realização desta tarefa. Inúmeras foram as conversas que tivemos no Sítio da Grande Paineira, nas viagens para São Paulo, nas trocas de *e-mails*, nas correções de textos. Tenho o privilégio de desfrutar de sua competência de “brincar” com os mitos, como uma verdadeira mestra nesse reino.

Igualmente em especial, minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Katia Rubio, pessoa que muito me ajudou, orientando-me, alertando-me, corrigindo-me e ensinando-me, sempre oferecendo seu tempo para conversas e discussões, em uma condição de ser paciente, respeitando meu tempo de conceber as ideias, ruminá-las e burilá-las até o momento de poderem nascer com categoria. Agradeço-lhe muito, professora Katia. Você tem a qualidade de “mestra”, também.

Em caráter imenso, Renata, minha mulher e grande companheira de jornada, por aceitar, com muita paciência, os dias e dias em que estive enfurnado nesta tarefa heroica, entendendo a minha “ausência” e suportando as horas “roubadas” de nosso convívio conjugal. Obrigado, Renata, por me auxiliar a terminar esse trabalho.

Por fim, meu irmão André, o “Flama”, por me ajudar na configuração do texto.

RESUMO

LIMA, David Alves de Souza. **Técnico-Mestre e Atleta-Herói: uma leitura simbólica dos mitos de Quíron e do Herói entre técnicos de voleibol**. 2012. 88 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Esta dissertação de Mestrado se ocupa da compreensão simbólica da trajetória do técnico do voleibol, relacionada com a figura mítica de Quíron e seus atletas, avaliando a importância do técnico como elemento fundamental para a construção do atleta. Este último, por suas muitas similaridades com o mito do herói, passa a ser entendido como uma figura ímpar, com o quê podemos entender suas façanhas. Sincronicamente, o atleta, por representar uma condição heroica, reclama pela presença fundamental de um mestre em sua formação. O mestre se atualiza na figura do treinador, aproximando-se e amplificando esta visão com o mito de Quíron. Destas associações decorrem elementos básicos para a melhor compreensão do desenvolvimento e estruturação de personalidade do atleta, embasando o aprimoramento do seu rendimento. Do encontro simbólico do técnico-mestre com seu atleta-herói, estuda-se o fenômeno da liderança, ampliado com mitologemas em que personagens líderes se fazem presentes. A par da amplificação mítica, a dissertação buscou elementos, para melhor compreensão da presente temática, em dados biográficos decorrentes de entrevistas com três técnicos do voleibol brasileiro, medalhistas olímpicos como jogadores ou técnicos: Bebeto de Freitas, Bernardinho e Giovane. No mito do herói são descritos sua origem, sua natureza, características de personalidade, condições de nascimento e morte, seus trabalhos e ritos iniciáticos, além de sua importância civilizatória. No mito de Quíron, descrito de forma detalhada, retoma-se a temática de sua origem, seu nascimento, sua criação e recebimento dos ensinamentos das artes, circunstâncias e consequências de seu ferimento, bem como sua nobreza de caráter. A dissertação tece considerações gerais sobre o quanto sua realização mobilizou emocionalmente o autor, a par de fazer comentários sobre os ensinamentos encontrados nas falas dos três técnicos. Ela explicita, fundamentalmente, a correlação simbólica entre a figura do técnico de voleibol, exercendo-se pela função polar do mentor, com a figura do atleta deste esporte, na função polar complementar do aprendiz.

Palavras-chave: Técnico, Mestre, Mito, Herói, Quíron.

ABSTRACT

LIMA, David Alves de Souza Lima. **Master-Coach and Hero-Athlete: a symbolic lecture of Quiron's and Hero's myth among volleyball coaches**. 2012. 88 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

This master degree dissertation occupies of a symbolic comprehension of the volleyball's coach pathway related with the mythic figure of Quiron and its athletes, evaluating the coach's importance as a fundamental element for the athlete's construction. The athlete, as it has a lot of similarities with the hero's myth is understood as a unique figure, as we can understand its achievements. Synchronously, the athlete, as a representative of a heroic condition, asks for the master's presence in its formation. The master actualizes in the coach's figure approximating and increasing this view with the Quiron's myth. Result of these associations derives basic elements for a better comprehension of the development and structuring of the athlete's personality basing the refinement of its performance. The symbolic meeting between master-coach and hero-athlete, the leadership phenomenon is studied, amplified with the mythologems where leaders' characters are presented. The dissertation searched elements, for a better comprehension of the set of themes presented, in the biographical information of the three coaches, olympic medalists, as an athlete or as a coach, of the Brazilian volleyball: Bebeto de Freitas, Bernardinho and Giovane. The hero's myth is described in: its origin, its nature, personality traits, birth and death conditions, its works and beginning ceremonies, its civilization importance. In the Quiron's myth, detailed described, retakes the origin of its themes, birth, as it was created and how received its instructions about arts, the circumstances they were wounded and the consequences of its wound, as the nobility of its character. The paper shows general considerations on how its realization emotionally mobilized its author, along with comments and observations on teachings found in the speeches of the three coaches. The paper explains, fundamentally, the symbolic correlation between the volleyball's coach, playing by the mentor's polar function, with the figure of the volleyball's athlete, playing by the complement polar function of apprentice.

Key words: Coach, Master, Myth, Hero, Quiron.

SUMÁRIO

Resumo	iv
Abstract	v
1. Introdução	07
2. Objetivos e Método	14
3. Liderança	16
3.1. Grupos esportivos	17
3.2. Liderança	19
3.3. Sobre a Mitologia	23
3.4. Sobre os momentos míticos em que a liderança se evidencia	27
3.4.1 Jasão e a busca do Velo de Ouro	27
3.4.2 O sacrifício de Ifigênia	28
3.4.3 A instituição do código de honra	29
3.4.4 O episódio do Cavalo de Troia	30
3.4.5 Héracles e a liderança dos tebanos pela defesa de seus direitos	31
4. O mito do herói	32
5. Histórias de vida de três técnicos campeões	45
5.1. Paulo Roberto de Freitas (Bebeto de Freitas)	45
5.2. Bernardo Rocha de Rezende (Bernardinho)	49
5.3. Giovane Farinazzo Gávio	52
6. O Mito de Quíron	56
7. Considerações finais e conclusões	79
8. Referências bibliográficas	84

1. INTRODUÇÃO

Pensei em escrever este trabalho por considerar de extrema importância a questão do rendimento no esporte. Esse fenômeno representa muitas vezes a condição de ganhar ou perder uma competição. Ambos fazem parte do jogo, mas ninguém entra em uma disputa para perder. Muitos são os fatores que fazem um atleta ou uma equipe ser vencedora: a questão genética, o treinamento físico, técnico e tático, além do psicológico (mental), aspectos culturais e sociais etc.

Acho importante ressaltar que sempre me senti fascinado pelo esporte. Praticar exercício físico, competindo ou não, representa uma condição que me traz prazer, a par de gostar de assistir competições esportivas, sejam de caráter individual ou coletivo.

Esse fascínio talvez decorra do fato da experiência esportiva desencadear-me sentimentos e sensações de bem-estar, realidades que concorrem para apurar meu autoconhecimento. Assistir às competições desencadeia vivências similares, pois a torcida por um time, pela seleção brasileira é um processo intenso, que gera inúmeras emoções, tais como alegria, tristeza, felicidade, raiva, frustração. O envolvimento chega a ser tão grande, a ponto de gerar, muitas vezes, a sensação de estar lá, no campo ou na quadra, tal qual fosse o atleta, chutando a bola, dando um drible, bloqueando uma cortada, sacando um *match point*...

A questão do rendimento esportivo passou a me intrigar, à medida que tive mais consciência do próprio fascínio que o esporte me causava. As questões foram surgindo com vagar e minha demanda por buscar respostas me levou a leituras e pesquisas. Tentar entender por quais motivos algum atleta ou time se consagra e outro não, tornou-se um enigma para mim. Passei a ouvir esportistas fazendo declarações sobre suas próprias vivências nas vitórias ou nas derrotas com mais atenção. Queria descobrir os sentimentos que envolviam os momentos gloriosos de vitórias, que traduziam o rendimento quase perfeito daquele grupo de atletas, tanto quanto as sensações envolvidas na derrota.

Em minha infância e adolescência, lembro-me de gostar de me exercitar, participando principalmente de partidas de futebol. Jogava na escola e no colegial, chegando a participar competitivamente, dos 12 aos 17 anos, de alguns times de futebol, em São José dos Campos.

Quando concluí o colegial em 1991, prestei vestibular para Esporte na USP e fui aprovado, mas não me matriculei no curso. Já havia decidido passar um ano nos Estados Unidos, na condição de intercambista. Lá, fiz atletismo e participei do time de futebol da High School. Tive bom desempenho e fui convidado para jogar futebol, com bolsa de estudo, como atleta do time da Nova University, em Fort Lauderdale. Retornei para o Brasil em 1992 e optei por permanecer em minha terra. Em 1993, após um ano de cursinho, fui aprovado em Direito, na PUC-SP, e em Medicina, em Taubaté. Decidi-me pela primeira opção e cursei o 1º ano no período da manhã, participando de vários Jogos Jurídicos, competindo nos times de futebol (salão e campo) em jogos acirrados contra a Faculdade de Direito da USP e contra o Mackenzie.

No final do ano, prestei novamente vestibular para Esporte na USP e fui aprovado. Em 1994, passei a cursar Direito e Esporte, simultaneamente. Passava o dia na USP e, à noite, seguia para PUC fazer o curso de Direito. Esse processo durou dois anos, de tal forma que no fim de 1996 terminei o 3º ano de Direito e o 2º de Esporte. No início de 1997, após conversar com meus pais e ter o seu apoio, resolvi parar as duas faculdades, pois a demanda interior pela Medicina falava mais forte em mim. Tomar essa decisão, à época, foi muito difícil. Retomei o cursinho preparatório para o vestibular de Medicina e estudei durante todo o ano de 1997 com essa finalidade. Fui aprovado para a Faculdade de Ciências Médicas de Santos e, em 1998, iniciei o curso, formando-me médico em 2003. Participei de todas as Intermeds, disputando futebol e sendo campeão em duas oportunidades.

Realizei residência médica em Psiquiatria na Santa Casa de São Paulo, entre 2004 a 2006 e trabalhei como médico psiquiatra militar na Marinha do Brasil, nos anos de 2007 e 2008.

O ambiente militar lembra em alguns aspectos o esportivo, pois a hierarquia e a disciplina são seus pilares. Os militares são testados e pressionados quase que constantemente e muitos apresentam *performance* diminuída quando assim expostos. Presenciei e percebi alguns treinamentos físicos de tiro, e mesmo questões do dia a dia, em que alguns militares, apesar de bons e competentes, tinham seus rendimentos prejudicados quando pressionados. Na ocasião pude desenvolver uma consciência mais apurada do quanto esse fenômeno – estar sob pressão – interferia em minha própria *performance*.

A questão rendimento retornou ao meu campo de consciência, levando-me a, novamente, refletir sobre o processo de “render sob pressão”, relacionando-a também com o esporte. A demanda interna foi reativada. Entender o processo acerca do rendimento, o que atinge todo e qualquer ser humano submetido a condições estressantes em uma frequência maior ou não do que podemos imaginar, reclamava de mim uma resposta.

Resolvi estudar mais a fundo o assunto e decidi prestar exame para realizar Mestrado em Estudos do Esporte. Tendo sido aceito, comecei os trabalhos de mestrando no início de 2009, com supervisão de minha orientadora, a Prof^a. Dr^a. Katia Rubio.

Sabia que havia sido alguém que sempre teve ótimo preparo físico e esportivamente destacou-se entre os colegas. Fui considerado um jogador de futebol muito bom. Percebi, no entanto, que diversas vezes meu desempenho esportivo não foi suficiente, principalmente em jogos mais importantes ou em momentos que julguei cruciais. Nessas ocasiões, sucedia-se uma nítida queda do rendimento, sem que conseguisse entender o motivo. Observei o mesmo fenômeno em outras pessoas do círculo de amizades em disputas de futebol, bem como em alguns atletas participantes de competições, o que pude constatar tanto no próprio campo como observando pela televisão.

Por que não render? Por que não ter o melhor desempenho no momento mais necessário? Esse fenômeno me intriga até hoje.

Sabe-se que muitos são os esportistas com queda de rendimento em momentos cruciais e que são inúmeros os atletas de alto rendimento, atualmente ou no passado, que, apontados como favoritos em determinadas competições, fracassaram. Citarei alguns exemplos, dentre muitos: a seleção brasileira de futebol masculino na Copa do Mundo de 2006, na Alemanha; a seleção brasileira de vôlei feminino nos Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas; Usain Bolt no campeonato Mundial de Atletismo, em Daegu, Coreia do Sul, em 2011, quando queimou a saída na final dos 100 metros rasos; seleção brasileira de futebol masculino nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996), quando perdeu para a seleção da Nigéria; Adriana Behar e Shelda quando perderam a final olímpica no vôlei de praia em Sydney (2000).

Deparei-me, ao longo do processo, com a importância do técnico na formação e na superação desses momentos cruciais, cujos aspectos são relacionados ao rendimento. Pensei, então, em abordar a figura de técnicos que representassem a transformação da modalidade por eles dirigida. Foram escolhidos três deles, dos quais, dois fizeram a diferença na história do esporte escolhido: Beбето de Freitas e Bernardinho. Ambos são “diferentes”, pois usaram e usam também suas próprias histórias como atletas para buscarem ser ainda melhores do que foram e, por este motivo, são considerados mestres. Giovane representa um técnico ainda em formação que tem trilhado um caminho cujos resultados apontam para esse mesmo horizonte.

Tecerei uma relação, ao longo do texto, entre o papel do técnico e do mito de Quíron, considerado o mestre e instrutor dos heróis. Esta associação decorre da condição de entender-se que o treinador possui uma função muito mais ampla do que simplesmente treinar, organizar as atitudes ofensivas, defensivas, posicionamentos táticos, treinamentos físicos e técnicos. Ele, como um mestre, é também um companheiro de jornada do atleta, apoiando, comandando, treinando, advertindo, alertando, estabelecendo limites, exigindo o melhor desempenho, cuidando emocionalmente, concorrendo em tudo para seu crescimento e para que ele esteja pronto quando a tarefa se apresentar.

Minha intenção ao relacionar o treinamento esportivo, o papel do técnico e os problemas decorrentes da queda de rendimento, sob tensão, com a mitologia decorrem da convicção de que essa representa importante fonte de conhecimento e aprendizado. Descobri isso em minha própria família e, depois, nos autores dos quais me servirei para referendar as proposições. O professor Junito Brandão representou um ícone estruturador de tal certeza: lembro-me até hoje de, ainda criança, ter assistido diversas vezes suas palestras em São Paulo, com minha mãe, o que de alguma maneira também me influenciou.

Joseph Campbell (1990a, p.4), por exemplo, relata em sua entrevista a Bill Moyers, a importância que as literaturas greco-latinas e a Bíblia tiveram na educação, mas que, com o correr do tempo, passaram a ser suprimidas das escolas, perdendo-se com isso toda uma informação mitológica do Ocidente. Campbell lamenta a perda, pois sem essas “histórias” não temos com o que preencher tal vazio. O arsenal de informações tem ligação com

“os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões, através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta. Mas assim que for apanhado pelo assunto, haverá um tal senso de informação, de uma ou outra dessas tradições, de uma espécie tão profunda, tão rica e vivificadora, que você não quererá abrir mão dele”.

Sinto que fui “apanhado ou capturado” pelo mistério e pelos segredos que a mitologia carrega. Dela irei me servir, estudando partes de alguns mitos, principalmente o de Quíron, e relacionando-os com as histórias dos três técnicos.

A ideia, portanto, será discutir o papel do mestre heroico. Para isso aproveitarei as narrativas de Paulo Roberto de Freitas, o Bebeto de Freitas (medalha de prata como treinador da seleção brasileira masculina de voleibol, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984), Bernardo Rocha de Rezende, o Bernardinho, o brasileiro com maior número de medalhas em Jogos Olímpicos (ouro, como técnico da seleção brasileira de voleibol masculina, em 2004, na cidade de Atenas; pratas – uma como jogador, em Los Angeles, em 1984, outra na condição de técnico, em 2008, na cidade de Pequim – e bronzes como treinador da seleção brasileira de voleibol feminina, em 1996 e 2000, respectivamente, em Atlanta e Sydney), e de Giovane Farinazzo Gávio (bicampeão olímpico em 1992, Barcelona, e em 2004, e atual técnico campeão brasileiro da Superliga), dentre inúmeros outros títulos que possuem em seus currículos.

Como decorrência da riqueza desses muitos mitos, tentarei mostrar possibilidades outras, dentre os inúmeros caminhos que o atleta pode seguir, priorizando a questão do rendimento.

Gusdorf (2003, p.15) é outro autor que, endossando a importância da mitologia para se entender os fenômenos do cotidiano da vida, afirma que:

“as interpretações míticas podem ser mais ricas em sugestões válidas do que muitas obras técnicas, cujo rigor científico aparente não consegue dissimular o vazio do pensamento. Os mitos aceitam o fenômeno humano em sua totalidade e tentam situar o seu destino na totalidade do mundo. As indicações míticas não se fundamentam na razão discursiva, e só se justificam por

referência a uma espontaneidade intensiva, que é também seu ponto de referência, para lá das imagens que utilizam. A verdade mítica apodera-se imediatamente do pensamento, invocando não o espírito crítico, mas as profundezas da vida pessoal, os obscuros subterrâneos da sensibilidade, nas regiões em que a alma se enlaça na aliança originária da consciência e do corpo”.

No capítulo 2, irei me ocupar da descrição dos Objetivos desta dissertação e do Método de trabalho empregado na consecução dessa tarefa. A compreensão simbólica da trajetória do atleta, feita em conjunção com a trajetória mítica do herói, buscará associar os dados básicos fundamentais acerca do desenvolvimento e estruturação de personalidade do atleta e que possam ser o sustentáculo para a melhor compreensão do aprimoramento do seu rendimento. Sendo o atleta a figura maior a representar a condição heroica, será fundamental a presença do mestre na sua formação. A função do treinador se relacionará e amplificará ao mito de Quíron. Em seguida, buscarei fazer uma discussão sobre a importância do técnico como líder de seus comandados. A meta será levantar as várias definições sobre a matéria, tentando entender melhor o conceito de liderança e ampliar esses dados com recortes sobre mitologemas ligados a situações nos quais aspectos de liderança se fazem presentes. Discutirei o papel da liderança nos grupos esportivos, enfatizando o voleibol, avaliando a figura do técnico dessa modalidade em suas equipes. Não será discutida a liderança do técnico em modalidades individuais. O propósito é entender, servindo-me das falas dos três técnicos (Bebeto, Bernardinho e Giovane), como a dinâmica da liderança pode contribuir para a formação do atleta. Já no 4º capítulo, farei uma retomada ligeira sobre a importância da Mitologia como caminho introdutório para focalizar o mito do Herói. Descreverei os fundamentos do conceito desse personagem, seja falando de sua origem, sua natureza, características de personalidade, as condições de seu nascimento e morte, seus trabalhos e seus ritos iniciáticos. Descreverei a importância civilizatória do herói, e as correlações entre o mito e a estrutura primordial, de caráter arquetípico, tal como é proposto por Jung, e como estrutura arquetípica, que, segundo o pressuposto de Jung, está presente na psique humana. Por questões didáticas, farei uma introdução ligeira sobre o centauro Quíron, por ser ele o grande mentor dos heróis. Seu mito e sua importância comporão o capítulo 6.

Antes disto, no 5º capítulo, farei uma composição de caráter biográfico sobre cada um dos três técnicos entrevistados. Os dados serão colhidos das próprias entrevistas.

Como afirmei, no capítulo seguinte descreverei de forma detalhada o mito de Quíron, falando sobre sua origem e nascimento, como foi criado e como recebeu seus ensinamentos sobre as artes e as ciências. Descreverei as circunstâncias em que foi ferido e as consequências de seu ferimento. Falarei sobre a nobreza de seu caráter, traduzida nas condições que o levaram à morte, apesar de ter nascido imortal e dos motivos pelos quais trocou sua imortalidade com a mortalidade de Prometeu. A seguir, descreverei como Quíron se transformou em constelação. O mito, em si, se fecha com elementos de leitura simbólica de fundamento junguiano. Todo o mito de Quíron e seu simbolismo, bem como outros momentos míticos extraídos da Mitologia Grega, são usados como referencial para amplificar os dados das entrevistas com os técnicos escolhidos.

No penúltimo capítulo, tecerei as últimas considerações, finalizando a dissertação com as conclusões apreendidas durante sua elaboração.

Ao cabo relacionarei a bibliografia na qual me fundamentei ao longo do trabalho.

2. OBJETIVOS E MÉTODO

O objetivo principal deste trabalho é estudar o papel do técnico, especificamente o de voleibol, na condição de mestre formador de heróis (atletas).

A compreensão simbólica da trajetória do atleta será feita em conjunção com a trajetória mítica do herói. Buscar-se-á associar os dados básicos fundamentais acerca do desenvolvimento e estruturação da personalidade do atleta, que possam ser o sustentáculo para a melhor compreensão do aprimoramento de seu rendimento, com a mítica do herói.

O atleta será considerado como a figura maior a representar a condição heroica. Para tanto, será fundamental a presença do mestre em sua formação. Ele é, simbolicamente, o treinador e terá sua função relacionada e amplificada com o mito de Quíron.

Para a consecução desses objetivos, serão estudados os exemplos de vida e a reconhecida competência técnica de Bebeto de Freitas, Bernardinho, e Giovane. A partir dessas histórias farei uma leitura mítico-simbólica, servindo-me de alguns referenciais da Psicologia Analítica, amplificando a leitura com o mito de Quíron.

Uma história de vida, segundo a proposição de Poirier, Valladon e Raybaut (1999), é a narrativa que se dá a partir de acontecimentos importantes e significativos para os que a viveram.

Para Bosi (1994), o entrevistado é o narrador de sua própria história, e as interpretações dos fatos vividos são tratados como dados de pesquisa. Já para Rubio (2003a), a história de vida é uma forma particular da história oral, onde é possível ao pesquisador subtrair da fala do entrevistado as sutilezas da narrativa. Ambos concordam que toda memória pessoal também é familiar, social e grupal, possibilitando, assim, definir o envolvimento de uma pessoa em uma cultura de um determinado grupo social.

Este método permite ao pesquisador ter acesso aos conteúdos de uma vida que pode ser tomada como individual, mas que carrega consigo os elementos do momento histórico e das instituições com os quais os entrevistados mantiveram relação (Rubio, 2003a). Por isso, acredita-se que os entrevistados, ao contarem suas histórias, narrarão experiências muito significativas dentro do contexto proposto, ou seja, a função do técnico na formação dos atletas/heróis do esporte.

Analisar uma história de vida é considerar os aspectos culturais e sociais, políticos e econômicos que o indivíduo atravessou ou atravessa em sua existência, como nos ensinam Poirier, Valladon e Raybaut (1999, p.38): “o narrador não é um sujeito isolado, faz parte de vários grupos, de uma sociedade e de uma cultura precisas”. Portanto, das narrativas podem surgir episódios considerados significativos na trajetória de vida pessoal ou do grupo ao qual o sujeito pertence.

Segundo Rubio (2003a), o próprio relato traz o que o narrador coloca como importante no seu trajeto. Desta forma, tem-se uma ideia do que foi sua vida e do que ele próprio é, naquele momento.

É importante lembrar que o recurso da história oral, usado como metodologia de pesquisa, proporciona ao pesquisador condições de encontrar na fala do entrevistado as sutilezas da narrativa, das quais decorrem conhecimentos para a compreensão do coletivo.

A utilização e a análise das narrativas decorrem da transcrição das entrevistas. Será, portanto, uma análise do conteúdo e não uma análise do discurso.

Irei me servir, na dissertação, da vertente da história oral trabalhada pelos autores citados, o que me permitirá uma aproximação da história social a partir da visão do sujeito que tem a sua própria história amarrada em uma teia de significados.

Ao contar sua história, o indivíduo recorre aos acontecimentos registrados na memória, obedecendo a uma ordenação pessoal e a uma lógica afetiva e atemporal, ou seja, não seguindo a cronologia “oficial” do calendário (Bosi, 2003). Por isso, é normal e esperado que as narrativas se afastem por alguns períodos das questões principais do tema abordado pela pesquisa, fazendo-se necessário um guia referencial para assegurar o foco das entrevistas. Vale ressaltar que o entrevistador deve ter o cuidado de não restringir a exposição de ideias do entrevistado, como nos recordam Poirier, Valladon e Raybaut (1999, p.13), quando afirmam que “a liberdade da palavra deve ser total em todos os casos, mas pode e deve ser controlada”.

As entrevistas foram agendadas diretamente com os escolhidos e realizadas individualmente. Os registros das narrativas foram gravados em uma câmera digital e transcritos posteriormente.

Essa pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, com o protocolo nº 0052.0.342.000-09.

3. LIDERANÇA

Várias são as definições do fenômeno liderança.

O esporte é um longo processo de aprendizado, que envolve constantemente a relação mestre/aprendiz (atleta), sendo comum o atleta se dirigir para uma competição estando acompanhado do técnico.

Os estudos sobre Liderança no Esporte adquiriram destaque há mais de 50 anos. As conclusões foram muitas, entre elas a que diz que a chave do sucesso está na coesão, na liderança e na ação.

Dentro do tema Liderança no Esporte de Modalidades Coletivas, não existe grupo sem líder. Mesmo que uma equipe esteja sem a figura literal de um técnico, surgem um ou mais jogadores que direcionam os passos da equipe, para depois, em algum momento, a figura tradicional do técnico reaparecer.

Rubio (2003b) aponta para a importância de se estar atento às modalidades esportivas coletivas, uma vez que o número de pessoas que as praticam, ou assistem como espectadores, tem crescido muito. A autora alerta, ainda, sobre a necessidade de se estudar o conceito de liderança, atualmente.

O atleta, em sua trajetória, passa por diferentes momentos de vida esportiva e, conseqüentemente, diferentes técnicos o acompanham. São os técnicos de formação e os de competição. Conforme aponta Nunes (2011) em seu trabalho sobre o judô brasileiro, há técnicos que se dedicam e têm sucesso na formação inicial de atletas e há aqueles que se dedicam à “lapidação” para o alto rendimento. Ambos os padrões são fundamentais para a estrutura do esporte, uma vez que o trabalho de um depende do trabalho do outro. Segundo essa conceituação, a maestria se exerce com diferentes características: com os mais novos prevalece a paciência para o ensino das questões básicas da modalidade e a disciplina, que farão dessas crianças atletas dedicados, enquanto no alto rendimento é a observação com pequenos detalhes o que separará atletas comuns do gênio.

Os atletas que participam de grupos esportivos de modalidades coletivas vivenciam situações e dinâmicas em que conceitos como interação, cooperação e tolerância precisam ser melhor entendidos, discutidos e integrados. Há um processo constante de adaptação, aprendendo temas como ajudar o outro e saber ceder. Se o grupo tem um objetivo bem definido, os membros da equipe, para atingi-los, precisarão

lidar com as questões psicodinâmicas que emergem em todos os grupos com atividades competitivas, quais sejam, ciúmes, inveja, questões decorrentes de valores salariais diferentes, entre outros.

Entendendo a dinâmica dos grupos esportivos, podemos vislumbrar a figura do líder no contexto, e descobrir como ele pode contribuir para o desempenho que torna vencedora a trajetória de uma equipe.

3.1. Grupos esportivos

Definições:

A equipe esportiva para Dzhamgárov & Rumiantseva (1989) é uma estrutura elementar na qual se realiza a atividade esportiva. Acrescentam ainda que a teoria geral dos pequenos grupos e coletividades propõe que essas equipes esportivas possuem uma estrutura estática e dinâmica.

Chappuis & Thomas (1989) destacam que os grupos esportivos são grupos restritos, com reduzido número de participantes, nos quais as relações tendem a ser mais intensas entre os membros. Os autores fazem uma analogia afirmando que a equipe é uma bagagem que embarca para um mesmo destino.

Em todos os grupos esportivos as relações de poder podem aparecer. O atleta mais decisivo, com melhores recursos técnicos, táticos ou mentais tende a ser uma referência automática e tornar-se um líder e, certamente, precisará estar preparado para sua tarefa.

García-Mas (1997) propõe que uma equipe se caracteriza pela atividade esportiva em si e toda dinâmica que envolve a meta do processo tem o objetivo de vencer. O autor ressalta ainda que os componentes das equipes esportivas, por se manterem juntos por muito tempo em diversos momentos diferentes – treinos, alojamentos, hotéis, refeições, viagens, o próprio jogo – tendem a criar vínculos maiores de caráter afetivo, que podem gerar um desgaste relacional se não bem conduzidos.

Eiroá (2000, p.25) define o conceito de equipe como um conjunto característico de no mínimo duas pessoas que se relacionam de forma dinâmica, independente e de forma adaptativa com relação a uma meta/objetivo/missão, sendo que cada elemento precisa cumprir seu papel específico ou função.

Segundo esse conceito, é esperado que emergja um líder interno, tanto quanto um externo. Se pensarmos no líder interno de uma equipe esportiva, será um dos jogadores que passará a exercer esse papel, sendo o técnico o líder externo, cabendo-lhe a função de conduzir o processo como um todo.

Eiroá (2000, p.25) destaca ainda que a divisão do trabalho e a coordenação das funções são dois requisitos muito importantes e necessários para a organização de uma equipe esportiva.

Os grupos esportivos precisam aprender a lidar com variáveis inerentes à sua própria composição: a cooperação interna caminha de maneira paralela à interna, sendo essa realidade uma condição saudável, pois a disputa por posições entre os atletas gera uma dinâmica criativa. Isso fortalece a equipe. Por outro lado, a competição externa, carregada de outra meta, a de derrotar o adversário, mobiliza a coesão da equipe.

Weinberg & Gould (1995) explicam que para um grupo ser considerado realmente uma equipe, é fundamental que seus membros interajam e detenham um objetivo comum.

Para Rioux & Chappuis (1979), a equipe esportiva acontece quando há união dos fatores inatos (temperamento e propriedades físicas dos atletas) com as capacidades adquiridas ao longo do tempo (técnica e sentido de unidade do grupo – ação coletiva). O objetivo do técnico que quer ser vencedor passa por gerenciar esses aspectos, a par de conseguir mostrar para a equipe que a ação de um fundamenta o bom desempenho do outro, e consequentemente da equipe. Se todos estiverem caminhando na mesma direção e com os mesmos objetivos a chance de vitória aumenta sobremaneira.

Rubio (2003b) classifica o voleibol como um esporte coletivo interativo, pois pressupõe ser a relação entre os membros da equipe muito ampla e complexa e a diferenciação de papéis, muito acentuada.

No voleibol, a cada rodada, as funções e posições dentro da quadra, assim como os papéis exercidos por cada jogador se alteram. Ora é o que recebe o saque, depois o que levanta, e a seguir o que lança a bola para o campo adversário, com um passe ou cortada, para, na sequência, ocorrer um bloqueio, uma defesa pelo time adversário ou o ponto da equipe que atacava. Dependendo do que ocorre, todos precisarão estar preparados para a sequência seguinte. Em cada momento, todavia, cada um de per si necessita estar sintonizado com o movimento do outro,

deixando o espaço livre para os movimentos de ataque ou defesa do companheiro, em uma sintonia fina, astuciosa e coordenada para a sequência da jogada.

3.2. Liderança

É uma condição imprescindível para o sucesso de uma equipe esportiva, promovendo a boa colocação em uma competição ou determinando uma vitória.

Hill (1992) elenca as características que julga serem fundamentais para que um líder tenha sucesso: consciência de um objetivo principal definido, confiança em si mesmo, entusiasmo na realização das tarefas, produção de mais trabalho do que o que lhe foi destinado, concentração nos afazeres, cooperação, sabendo tirar proveito dos fracassos e tendo tolerância.

Dzhamgárov & Rumiantseva (1989) explicam a liderança como um mecanismo que mobiliza as ações dos membros da equipe esportiva por um processo dinâmico e que orienta essas ações, coordenando o grupo para atingir suas metas. As interações verbais e não verbais podem contribuir com a dinâmica na consecução dos propósitos da liderança. Acrescentam os autores que, para a Psicologia do Esporte, faz-se necessário um processo de auto-organização e autogestão da equipe esportiva, para que a mesma se torne eficiente e consiga atingir suas metas.

Segundo Rubio (2003b), direção é, fundamentalmente, um processo social com caráter orientado nas diferentes instituições sociais e organizações. Surge sobre uma base oficial. A autora acrescenta que a liderança é um processo que ocorre espontaneamente, tanto em organizações como em instituições sociais e provém das condições psicológicas das ações e interações do grupo. Fala, também, do aparecimento de lideranças de forma espontânea, sincrônicas com a necessidade grupal de resolver seus problemas.

A equipe, quando bem organizada como sistema, conduzir-se-á para seu melhor funcionamento, diminuindo as chances da derrota acontecer. A falta de um líder será sempre preocupante para o grupo esportivo, uma vez que a comunicação interna ficará dificultada. Se o dirigente, ou o técnico, não se posicionar como líder externo, havendo um confronto ou divergência com o líder interno, a situação tende a se tornar complexa, com o surgimento do risco da perda do direcionamento grupal.

Martens (1987) propõe que a liderança efetiva ocorre com o objetivo de se atingir metas concretas, construir um ambiente social e psicológico favorável e que, pela comunicação, motivação e instrução atingir os fins. Mostra a necessidade de perceber-se o fenômeno da liderança de uma maneira mais ampla.

Para Dzhamgárov & Rumiantseva (1989), há dois tipos de liderança importantes: a prática ou instrumental, ligada à execução das tarefas e aos objetivos do grupo, a par da solução das tarefas, e a emocional ou expressiva, que visa cuidar dos aspectos do bom convívio relacional e de sua manutenção, trabalhando a dinâmica interacional do grupo, tentando dirimir os conflitos emergentes entre os atletas, além de cuidar dos aspectos éticos e morais.

Atualmente, percebe-se uma tendência de haver líderes com os dois perfis nas equipes competitivas, já que a complexidade é maior, apesar da dificuldade de separar tais características, na prática.

A coesão é uma condição fundamental na composição da dinâmica de uma equipe esportiva. Junto com a liderança, ela é considerada pelos técnicos como um elemento muito importante para a vitória.

Rioux & Chappuis (1979) a definem como expressão unitária, coletiva, e constante, relacionadas ao sentimento, ao pensamento e ao querer de uma equipe esportiva.

A coesão é um fator importante, porém não o único. Russel (1993) aponta ser de fundamental importância para ela se realizar em um grupo, a existência da condição de liderança, que lhe permita atuar de forma independente e autossuficiente.

González (1997) diz que a junção das qualidades dos participantes de uma equipe não é por si só garantia de um bom resultado. É necessário mais do que o desempenho de cada membro para se atingir o objetivo da equipe. O desempenho global depende da dinâmica interativa e da atmosfera motivacional reinante entre os componentes do grupo.

Martens (1987) elenca alguns fatores para se entender a coesão: a aceitação recíproca entre os membros da equipe esportiva, ou seja, que cada participante aceite o outro com suas características próprias; a sensação de pertencer ao grupo, ou seja, saber-se como parte integrante do grupo; o valor do indivíduo para o grupo, ou seja, a reconhecimento da competência individual dos componentes; o reconhecimento e a percepção dos limites e do trabalho coletivo.

Posteriormente, Widmeyer, Brawley e Carron (1992) avançaram na conceituação de coesão a partir de uma referência multidimensional, considerando não somente os

aspectos da unidade do grupo em si, mas também os inúmeros fatores que contribuíam e determinavam a eficácia do grupo. Dessas premissas elaboraram o conceito de coesão social, pautado em variáveis pessoais (afetivas) e coesão para a tarefa, que abrange os elementos operacionais.

Rubio (2003b) acrescenta que o modelo multidimensional se fez necessário e se justificava pelos novos paradigmas da ciência que passaram a entender os grupos esportivos em sua complexidade, a partir de seus processos e sua dinâmica. A ampliação do conceito foi importante, pois era necessário avaliar não apenas o que ocorria com uma equipe, mas como isso se dava e a partir de quais realidades.

Interessante atentar para o fato dos autores citados fundamentarem suas constatações acerca dos fatores concorrentes para o melhor rendimento da equipe ou para a vitória, cada vez mais alicerçados em bases psicodinâmicas do time, como um todo, bem como de cada elemento do grupo.

O grupo-time-equipe se define, nesse sentido, como uma entidade, um corpo simbólico, um ser sistêmico, no qual cada participante – atleta, técnico, preparador físico, psicólogo, nutricionista, médico, fisiologista – deve estar em sintonia. É como um órgão importante, se não vital, para traduzir o que cada participante tem de melhor, apresentando como resultado a vitalidade, a eficiência, a beleza, a exuberância, a excelência dos conjuntos harmônicos.

García-Mas (1997) diz que derrotas, triunfos, vitórias e atribuições pessoais em relação ao rendimento geram efeitos emocionais e cognitivos no seio das equipes, situações que podem gerar flutuações e instabilidades temporárias dentro delas. Se o fenômeno não for bem conduzido, a coesão pode deixar de existir e o rendimento da equipe cairá.

As oscilações no esporte de alto rendimento podem ocorrer tanto por fatores internos como externos ao grupo e, como decorrência, pode-se pensar na importância de uma ampla formação para atletas e demais profissionais envolvidos na trajetória do projeto da equipe.

Loher (2005, p.164), coloca como característica fundamental do líder a sua capacidade de contar histórias e acrescenta que aquelas sobre o time muitas vezes são mais importantes que um evento em si. Diferentes exemplos podem mostrar melhor os aspectos específicos do momento e mudar a energia dinâmica do grupo. Elas são capazes de trazer inspiração, desafios, esperança, frustração, medo, mobilizando uma série de emoções que podem desencadear forças para um melhor

desempenho. O técnico, com tal repertório, pode conseguir mudanças na dinâmica de uma equipe, se souber atentar para tais momentos e propor histórias simbolicamente pertinentes à realidade em questão. O mito é fonte desses dados, com um acervo de sabedoria que muito pode contribuir para o referencial.

Soriano (2010, p.97) também diz, discorrendo sobre o líder e suas competências:

“A função do líder é conseguir os resultados que se espera do grupo. Para poder alcançá-los, é preciso uma equipe com o talento e a motivação adequados aos objetivos propostos. Os objetivos devem ser ambiciosos, mas também possíveis. O líder deverá extrair as melhores capacidades de cada um dos componentes da equipe e colocá-las a serviço do conjunto.”

Parece simples quando se lê, mas as dificuldades para atingir tais objetivos são enormes. Talvez a maior delas esteja no relacionamento entre os membros do grupo. Muitas vezes, pequenos detalhes e problemas entre as pessoas podem se transformar em uma dinâmica negativa e destrutiva, contrária ao objetivo final.

Todas as colocações anteriores sobre grupos esportivos procuraram introduzir elementos conceituais para um melhor entendimento do fenômeno da liderança inerente ao contexto dos esportes grupais e, no caso desta dissertação, do voleibol. Elas forjam elementos de raciocínio para dar sustentação ao propósito de estudar o papel do técnico dessa modalidade esportiva, amplificando a importância de sua função com o recurso da Mitologia Grega, e, mais especificamente, com o mito do centauro Quíron. Como decorrência, poder avaliar e considerar o papel do técnico de voleibol como uma expressão do símbolo Quíron. Nesse sentido, o técnico, no exercício de sua atividade, congrega funções, atualiza ações e expressa características que o qualificam como mestre.

Ele é mais que um treinador: é líder no comando e condução de seus jogadores; companheiro de jornada no longo caminho das competições; conta histórias quando o momento pede ensinamentos de parábolas; é ouvinte silencioso quando a ansiedade grupal ou individual emerge; é professor severo que não aceita desculpas de aluno relapso; é formador de consciência. Não descuida da ética, pede desculpas e repreende, é discípulo quando é mestre, e é mestre, pois forma homens.

3.3. Sobre a Mitologia

Campbell (1990a, p.5) afirma ter compreendido que aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. Esses, por sua vez, são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação; falam da necessidade mais profunda de contarmos nossa história, compreendê-la, transmitindo-a pelas gerações que se seguem, talvez com o intuito de podermos seguir em frente com mais convicção e tranquilidade. Todos nós precisamos compreender e enfrentar a morte; todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significado, tocar o eterno, compreender o mistério, descobrir o que somos, por que estamos nesse mundo e por qual motivo viemos.

Brandão (1986, p.13) conceitua o mito como um sistema, que tenta, de maneira mais ou menos coerente, explicar o mundo e o homem. O mito está em oposição ao logos, "como a fantasia à razão, como a palavra que narra à que demonstra" (p.14). O autor propõe a oposição entre mito e logos como as duas metades da linguagem, sendo ambas funções da vida e do espírito e igualmente fundamentais. O logos, quando verdadeiro, é uma forma de raciocínio, que procura convencer e despertar no ouvinte a necessidade de julgar. "O mito não possui outro fim senão a si próprio." "Acredita-se nele ou não, à vontade, por um ato de fé, se o mesmo parece 'belo' ou verossímil, ou simplesmente porque se deseja dar-lhe crédito." Dessa forma, continua Brandão (op. cit.), o mito congrega o irracional do pensamento humano. O mito, por sua natureza, aparenta-se à arte, em todas as suas criações, estando presente em todas as atividades do espírito.

Ainda Brandão (1986, p.15) argumenta:

"[...] sendo uma fala, um sistema de comunicação, uma mensagem, o mito é como que uma metalinguagem, já que é uma segunda língua na qual se fala da primeira. Não sendo um objeto, um conceito, uma ideia, o mito é um modo de significação, uma forma, um *symbolon*, acrescentaríamos. Onde não se pode defini-lo simplesmente pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a profere. [...] Após Freud, Jung, Neumann, Melanie Klein, Erich Fromm, Mircea Eliade, e isto para citar apenas alguns dos grandes pioneiros e seus seguidores, o mito enveredou por caminhos bem mais legítimos e genuínos: deixou de ser uma simples história da carochinha ou uma ficção, 'coisa

inacreditável, sem realidade’, para, como acentua Byington no Prefácio, ‘através do conceito de arquétipo, abrir para a Psicologia a possibilidade de perceber diferentes caminhos simbólicos para a formação da Consciência Coletiva’. [...] A partir de 1982, quando começamos a trabalhar em dupla, em São Paulo e no Rio de Janeiro, com o Psiquiatra e Analista Carlos Byington, é que percebemos com mais clareza o peso do mito, esse inesgotável repositório de símbolos que realizam ‘a interação do Consciente com o Inconsciente Coletivo’”.

Eliade (1990, p.13-30) discorre sobre mitos e mitologias, afirmando o quanto o mito é uma forma de explicar o mundo e o homem. Todas as culturas e civilizações têm mitos que falam da estruturação do universo, da formação das sociedades, de como o mundo foi criado e os homens, forjados, de como as virtudes, males e pecados apareceram e nele se instauraram. Esse modo não lógico de entender as coisas é traduzido pelo mito como uma forma primordial de explicar a realidade de ser e estar no mundo. Por não ser lógica, a forma de explicação do sistema mítico pode ser compreendida como decorrente de um entendimento vindo, possivelmente, do universo inconsciente.

Sobre este aspecto e as fases do desenvolvimento psicológico, Fonseca (1999, p.224) coloca, citando Wechsler: “essa abordagem não é realizada em uma perspectiva linear, e sim um espiral, que é a forma analógica de estudo da construção do conhecimento”.

O mito pode contribuir para o entendimento do desenvolvimento psicológico dos seres humanos e, sendo não linear, pode ser traduzido como um grande novelo enrolado que, aos poucos desatado, revela, com vagar, as dimensões da vida.

Campbell (2002) fala sobre “quatro funções que as mitologias tradicionais cumprem”: A primeira função é a de harmonizar a consciência com as pré-condições de sua própria existência, mediante uma das três formas de participação: exteriorizando, interiorizando ou efetuando uma correção. Para ele, esta é uma função essencialmente religiosa da mitologia.

A segunda delas é interpretativa, criando uma imagem consistente em relação à ordem do universo.

A terceira função de uma mitologia tradicional é validar e respaldar uma ordem moral específica, a ordem da sociedade da qual emergiu essa mitologia.

A quarta relaciona-se com a condução do indivíduo através dos vários estágios e crises da vida, ajudando as pessoas a compreender o desdobramento da vida com integridade.

Pieri (2002, p.125) refere que o termo mito apresenta-se com sentido similar ao que assumiu na antropologia, ou seja, como um relato anônimo que faz parte de um corpo de tradições oralmente transmitidas entre os vários membros de uma comunidade específica. Cita, ainda, que Jung considera o mito como uma forma autônoma de pensamento e de organização cognitiva do mundo.

Thomas Mann, citado por Karl Kerényi (1994, p.15), diz que o mito é o fundamento da vida; o padrão que não tem fim, a forma religiosa pela qual a vida se desenha, visto que suas características são uma reprodução do Inconsciente.

O mesmo Karl Kerényi (1994, p.17) refere que:

“[...] a matéria da Mitologia compõe-se de algo maior do que o contador de histórias e do que todos os seres humanos. A Mitologia precisa transcender o indivíduo e precisa exercer sobre os seres humanos um poder que tem influência sobre a alma e a enche de imagens. Tais imagens são a substância da Mitologia, como os sons são a substância da música”.

Mircea Eliade (1989) relata que nas sociedades primitivas o mito carrega-se da suposição:

“[...] de exprimir a verdade absoluta, porque conta uma história sagrada, ou seja, o mito contém uma revelação transumana que teve lugar na aurora do Tempo, na época sagrada dos começos (*in illo tempore*). Sendo real e sagrado, o mito torna-se exemplar, e, por conseguinte, passível de se repetir, porque serve de modelo e, conjuntamente, de justificação a todos os atos humanos. Noutros termos, o mito é uma história sagrada que se passou no começo dos tempos e que serve de modelo ao comportamento humano. Imitando os atos exemplares de um deus ou de um herói mítico, ou simplesmente narrando-lhes as aventuras, o homem das sociedades arcaicas destaca-se do tempo profano e adere magnificamente ao Grande Tempo, ao Tempo Sagrado”.

Ainda segundo Mircea Eliade (1990, p.13):

“[...] o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares [...] o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos [...] o mito conta, graças aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, quer seja uma realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento, uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, é sempre, portanto, uma narração de uma criação, descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir [...]”.

Alvarenga (2010), discorrendo sobre as correlações entre mito e rito, conta ter ouvido pessoalmente de Junito Brandão a frase: “Quando eu conheço mito, eu conheço o segredo das coisas”. Alvarenga prossegue seu relato dizendo que quando se conhece o mito, tem-se um jeito de se saber melhor sobre si mesmo, fazendo do mito uma tradução de realidades do psiquismo humano. Ao se conhecer profundamente o mito, passa-se a conhecer como funcionam as pessoas, como reagem, como desejam e, fundamentalmente, como se transformam.

Alvarenga (2010, p.30) define, então:

“Mito é um conjunto de histórias, relatadas de geração a geração, traduzindo o entendimento dos povos que as criaram e tinham nessas histórias a forma de explicar como o mundo se fez e tudo aconteceu. Em determinado momento, pessoas consideradas iniciadas se congregaram em cerimônias para reviver essas histórias míticas, como processos conservados pela tradição, ou documentados em textos. O encontro se dava sob orientação de sacerdotes, os quais teriam sido instruídos no conhecimento de mistérios, veiculados pela tradição. No encontro cerimonial estabeleciam-se dinâmicas de participação mística entre todos os iniciados envolvidos pela liturgia própria, que fundamenta a cerimônia. O pressuposto implícito dessas cerimônias, onde tudo se realiza como nos tempos dos primórdios, da mesma forma como ocorreu no princípio de tudo, compõe-se com a totalidade e define o rito.”

A autora discorre que o mito, por não ter a coerência de sistematização de seus dados e não ter coerência temporal na ocorrência dos fatos relata os fenômenos como se estivessem ocorrendo em um mesmo tempo simbólico, ou seja, como se traduzisse a própria realidade do inconsciente. Diz, ainda, que o mito se apresenta

com essas realidades primordiais em todos os povos e que tal fato é um dos elementos que fundamenta o conceito de Inconsciente Coletivo¹ de Jung. Como decorrência, esses temas míticos, por sua condição de se repetir e se reeditar, são expressões objetivas das estruturas primordiais, qualificadas por Jung como Arquétipos.² Da mesma forma, os sonhos e certos núcleos oníricos repetitivos primordiais aparecem, muitas vezes, com roupagem atualizada, reeditando o mesmo material relatado no mito, há milhares de anos.

Eliade (1990, p.13) relata o fenômeno da eterna repetição dessas emergências primordiais entre vários povos, acrescentando, inclusive, que “[...] se tentarmos compreender o significado autêntico de um mito ou de um símbolo arcaico, somos forçados a concluir que esse significado revela a tomada de consciência de uma determinada situação no Cosmos [...]”.

3.4. Sobre os momentos míticos em que a liderança se evidencia

3.4.1 Jasão e a busca do Velo de Ouro

Graves (2008) relata que quando Jasão chegou a Iolco, para reclamar por seu direito de governar, foi desafiado pelo rei Pélias. Dirigindo-se ao herói (que vestia estranha indumentária, portava uma lança e calçava uma só sandália) propôs-lhe uma questão: “Que faria você, meu jovem, se estivesse em minha posição e chegasse um desconhecido para reclamar o direito de assumir o trono?” Jasão, sem titubear, respondeu-lhe: “Eu o mandaria buscar o Velocino de Ouro!” O rei Pélias ordenou-lhe, a seguir: “Pois então, faça-o, traga-me o Velocino de Ouro”.

Jasão, em momento mítico extremamente significativo, após ter-se autoimputado tarefa de tão grande monta, buscou ajuda para conseguir seu intento. Anunciou por toda a Hélade o empreendimento que desejava realizar e convocou os heróis da

¹. Em *Chaves resumo das obras completas*, de Carl Gustav Jung, encontramos o conceito de Inconsciente Coletivo e de Arquétipos, emitidos por ele e descritos em sua obra *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, v.IX-1. Jung discute o conceito de Arquétipos como o modo de expressão do Inconsciente Coletivo. Ele propõe um nível de Inconsciente mais profundo, além do inconsciente puramente pessoal, hipotetizado por Freud. Este nível mais profundo manifesta-se nas imagens arcaicas universais expressas em sonhos, crenças religiosas, mitos e contos de fadas. Os Arquétipos, como uma experiência psíquica, não filtrada, aparecem algumas vezes em suas formas mais primitivas e ingênuas (nos sonhos), outras vezes em uma forma consideravelmente mais complexa, devida à operação da elaboração consciente (nos mitos). As imagens arquetípicas expressas no dogma religioso, em particular, estão minuciosamente elaboradas em estruturas formalizadas que, ao mesmo tempo em que expressam o inconsciente de uma forma perifrástica, impedem uma confrontação direta com ele.

². O conceito de Arquétipo está relatado na nota acima.

futura Grécia para ajudá-lo na empreitada. Segundo Apolodoro (2004), cinquenta e dois compareceram, vindos de muitos reinos distantes, cada qual com uma característica especial. Sob a liderança de Jasão e inspirados por um projeto cedido pela deusa Palas Atená, construíram a nau Argos e partiram para a aventura. Ficaram conhecidos como “Argonautas”, ou os marinheiros da nau Argos.

Do episódio mítico podemos retirar muitos ensinamentos: o primeiro deles nos fala da condição ímpar do herói se autoimputar a própria tarefa. Mesmo quando não nos damos conta, as tarefas que realizamos e concorrem para o nosso crescimento são condições que “escolhemos”, apesar de, na grande maioria das vezes, não termos consciência plena de o fazermos.

O atleta que se conscientiza dessa situação parece trilhar o caminho de forma mais amena. Foi ele que escolheu o desafio, a tarefa a ser feita e para bem realizá-la (o segundo ensinamento), dependendo da grandiosidade do desafio, precisará de companheiros para ajudá-lo na concretização de seu sonho, demanda, “destino”.

O carisma do líder atrai as pessoas, talvez porque cada um se sinta traduzido pelo sonho do líder. Os cinquenta e dois companheiros de Jasão, que acudiram ao seu chamado, são, simbolicamente, aspectos dele próprio. Ou seja, o líder e seus liderados são um conjunto sistêmico de interações e interdependências que se move, luta, reage, funciona como uma unidade.

O técnico e a equipe serão melhores quando funcionarem como um sistema, caminhando em uma única direção. Assim nos ensina o mito dos Argonautas.

Ao líder compete saber montar sua equipe para que cada um produza o melhor. Para tanto, precisam ter consciência de que o objetivo principal, em última instância, foi escolhido por si próprio; a confiança de cada um em si e no outro é vital; o entusiasmo na realização das tarefas é imprescindível; produzir mais do que lhe foi destinado implica responsabilidade consigo e com o todo; manter-se concentrado em seus afazeres, em clima de cooperação dinâmica, sendo tolerante com as próprias dificuldades, sem esmorecer em sua superação são demandas de herói.

O líder, o técnico, precisa ter continuamente seu “herói” ativado.

3.4.2 O sacrifício de Ifigênia

Outro recorte importante diz respeito à saída dos aqueus da bacia de Áulis, em direção a Troia. O comandante era Agamêmnon, mas sabe-se que quem realmente incitou os aqueus para exigirem desse a consumação do sacrifício de Ifigênia, sua

filha, foi Ulisses. O pai de Telêmaco era extremamente persuasivo, convincente em suas falas e conseguiu seu intento. A dramaticidade do momento mítico, magistralmente descrito por Eurípides (1979) em sua peça “Ifigênia em Áulis”, retrata o momento do impasse de Agamêmnon entre cumprir a imposição da deusa Ártemis, que exigia o sacrifício de sua própria filha ou abdicar do poder de comandar o exército aqueu. O comandante, em um momento de extrema arrogância, matara uma das corças sagradas de Ártemis, dizendo ter sido seu feito realizado de forma melhor do que o faria a própria deusa. Diante da pressão dos soldados, liderados por Ulisses, Agamêmnon cede e o sacrifício se faz. Ifigênia é levada ao altar sacrificial onde será imolada à deusa Ártemis.

Podemos inferir daí a pertinência de, muitas vezes, na condução de um grupo, time ou sociedade, haver mais do que um líder. O importante, nesses momentos, é que cada um saiba ceder quando outro alcança a liderança, dando-lhe a primazia, e saber assumir quando sua liderança é reclamada, seja pelo titubeio do outro ou pelo momento lhe pertencer, por real competência.

3.4.3 A instituição do código de honra

Antes da ocorrência da Guerra de Troia, Ulisses já havia genialmente proposto a Tíndaro, rei de Esparta, conclamar todos os pretendentes à mão de Helena, um compromisso de honra sem precedentes na mítica. Helena era considerada a mais bela das mulheres da época e desejada por todos os homens. Por sugestão de Ulisses, Tíndaro, seu pai, delegou-lhe o poder de decidir sobre quem ela desejava como esposo. Com relação aos pretendentes, Tíndaro, também por sugestão de Ulisses, convocou todos para firmar juramento, comprometendo-se a respeitar a decisão de Helena e, mais, exigiu que se alguém não cumprisse o acordo, todos os demais conjurados se congregariam para perseguir e matar o ofensor. Helena escolheu Menelau, irmão de Agamêmnon, mas, com o rapto desta por Páris, ocorreu a união para que a mesma fosse resgatada, com o surgimento da Guerra de Troia. Alvarenga (2009b) nomeia este trato proposto por Ulisses entre os aqueus como o momento mítico em que se instituiu, simbolicamente, o Código de Honra.

A sagacidade de Ulisses em propor soluções tão criativas é a característica indelével do líder maior. Esse, como Ulisses, vê antes que os demais e intui o momento propício, tem a voz do comando, convence os ouvintes. O líder, simbolicamente, está à frente do seu tempo.

3.4.4 O episódio do Cavalo de Troia

Após quase dez anos de investidas contra a cidadela de Troia, o exército aqueu estava desgastado e abatido, o saldo da guerra representava incontáveis perdas de ambos os lados. Ulisses, em mais um toque de gênio, inspirado diretamente pela deusa Atená, propôs o plano de fingir desistirem da guerra, abandonar seus postos, destruírem seus navios e simular uma retirada. O tema, descrito pelo próprio personagem no texto de Homero (1962a), relata a construção do imenso cavalo, feito com os madeiramentos de algumas naus e disposto à frente dos portões da cidadela, como presente aos troianos, levando em seu bojo vinte guerreiros comandados por Ulisses. Sabemos que com esse estratagema a cidadela foi tomada e os aqueus venceram a guerra, com a destruição de Troia.

Fica aqui um aprendizado para o líder: Agamêmnon foi considerado o comandante da expedição, mas sabe-se que quem montou toda a estratégia maior para os guerreiros e, mais que isso, propôs a maneira de condução do processo que levou à vitória, foi Ulisses. Ele inovou, colocando aspectos de extrema importância que mudaram o destino de homens. Seja no episódio do sacrifício de Ifigênia, na disputa pela mão de Helena e, finalmente, no episódio do Cavalo de Troia, o mentor foi Ulisses. É provável que muitos houvessem morrido se o Código de Honra não tivesse sido proposto. A disputa pela mulher mais bela teria se tornado uma briga interna, e eterna, entre os aqueus.

No sentido mítico, a razão da Guerra de Troia tem fundamento no rapto de Helena. No histórico, inegavelmente foi uma guerra pela conquista de território valiosíssimo, ou seja, o domínio do estreito de Dardanelos, pelo qual passavam todos os navios vindos do Oriente, carregados de tecidos, especiarias e outras riquezas.

Desses episódios míticos e principalmente do “Sacrifício de Ifigênia” decorre, talvez, um ensinamento muito drástico: a liderança, muitas vezes, pede perdas pessoais. Certamente a dramaticidade da penalidade imposta a Agamêmnon representou, nas entranhas do comandante, uma luta insana entre Eros e Poder, decretando seu “destino” terrível. O fim da tragédia é marcado pela morte de Agamêmnon, assassinado por sua própria esposa, Clitemnestra, como vingança à morte da filha, Ifigênia. Agamêmnon desejava o poder, acima de tudo. Ele próprio se autodecretou a escolha, o “destino”, a punição e a morte (Esquilo, 1999a).

Compete a cada um, técnico ou atleta, a sabedoria para decidir sobre o limite de suas escolhas, bem como sobre as motivações que as fundamentam.

3.4.5 Héracles e a liderança dos tebanos pela defesa de seus direitos

Em Brandão (1991, p.518) encontramos outro momento mítico importante que diz respeito a um episódio das façanhas de Héracles. O herói passava por Tebas, quando soube dos abusos do rei de Orcômeno, que impunha pesados tributos aos tebanos, a par de ter destruído todas as armas da cidade, com as quais os cidadãos poderiam se defender.

Héracles reuniu os homens aptos, retirou os escudos, lanças e espadas encontradas nos templos, que paramentavam as estátuas dos divinos, treinando os homens em lutas de combate. Quando os mensageiros do rei chegaram para cobrar o tributo, Héracles cortou-lhes as orelhas e o nariz, pendurou em seus pescoços e os enviou de volta com o recado ao rei para não mais importuná-los. O rei de Orcômeno mandou, então, um exército que foi totalmente desbaratado pelos tebanos, liderados pelo grande herói.

Héracles visualizou o problema por inteiro, congregou os tebanos e treinou-os para que se defendessem: é preciso lutar contra abusos. Mais do que a montagem do exército, conseguiu fazer com que os tebanos acreditassem em suas próprias forças e combatessem pelos seus direitos.

Do episódio pode-se depreender a consígnia de quanto um verdadeiro líder consegue fazer com que seus liderados – líderes de si mesmos – possam reestabelecer sua própria confiança.

O mito, como um acervo de cultura milenar, ensina, com seus mitologemas e histórias aparentemente fantásticas, sobre as razões das atitudes humanas, os fundamentos de suas demandas, a condução da própria vida. Como afirma Eliade (1990, p.17), ninguém inventa ou cria nada, somente atualizamos ou realizamos os planos divinos (ou arquetípicos).

4. O MITO DO HERÓI

*“Orandum est ut sit mens sana in corpore sano”.*³

Sobre a Mitologia: no capítulo 3, introduzi alguns conceitos sobre a matéria, e o mito. Todavia julgo conveniente, em função da relevância do tema, bem como para dar sustentação à dissertação, discorrer um pouco mais sobre essa temática.

Gaston Bachelard, no texto prefácio introdutório de Paul Diel (1991, p.9), escreve: “Todo mito é um drama humano condensado. E é por essa razão que todo mito pode, tão facilmente, servir de símbolo para uma situação dramática atual”. Os parágrafos finais do texto de Bachelard revelam a sabedoria de quem muito estudou e tanto compreende a Mitologia:

“Um mito é, portanto, uma linha de vida, uma imagem do devir, e não uma fábula fossilizada. Ortega e Gasset escrevem: ‘o homem não é uma coisa, e sim um drama, um ato... a vida é um gerúndio, de modo algum um particípio, é um *faciendum*, de modo algum um *factum*. O homem não tem uma natureza, mas uma história’. Mais exatamente, o homem deseja viver uma história, quer dramatizar sua história, para dela fazer um destino” (p.13-14).

A Mitologia representa um grande acervo de cultura que concorre para o melhor entendimento do ser humano e de seu mundo.

Sobre o herói: para Brandão (1987b, p.15ss.), o significado da palavra está ligado à condição de defender, guardar, velar sobre, ser útil. O herói é o que nasceu para servir. A condição de servir não é a de um escravo, mas a de quem cumpre um propósito, uma finalidade. O herói tem uma razão de ser, uma meta, e guarda uma relação com o aqui e agora.

Brandão (1987b, p.20-21), citando Otto Rank, define o herói como tendo dupla origem, divina e humana; porém, muitos são os heróis, no sentido mítico, que têm uma origem eminentemente humana; assim, o que importa é o que o herói faz. São suas ações que o definem como um herói.

³ JUVENAL. Sat. X, 356. In: BRANDÃO, J. S. *Dicionário mítico-etimológico*, v.II, p.20. Orando, o que se pede é ter mente sã em corpo são.

Seu nascimento ocorre, com frequência, na ilegalidade. Sua vida é ameaçada por situações críticas e em seu transcorrer deverá superar provas de coragem, com desafios aparentemente maiores do que a competência que o personagem julga ter. Existe uma semelhança da estrutura do herói em todas as culturas. Ele é um avatar do tempo, um transformador, um inovador, sempre luta contra o preestabelecido. Seu destino é criar conhecimento, buscar informações, trazer novas tecnologias para seu povo. O movimento heroico é paradoxal: extroverter e introverter; adquirir e incorporar; avançar e recuar. Quando o herói não transforma a realidade vigente, diz-se que se tornou um maldito.

Para Campbell (1991), o herói faz parte de um monomito e percorre sempre um caminho em espiral, retornando, transformando e agitando seu mundo. A saga do monomito implica a separação da família de origem, a participação de ritos iniciatórios para aquisição do conhecimento dos mistérios e o retorno à tribo de origem para assumir a regência de seu povo, ou compartilhar seu conhecimento, ou mesmo, apresentar-se como Messias. O herói está ligado a atividades humanas fundamentais e primordiais: invenções, inovações, alimentos, profissões.

Henderson (1966, p.110) fala da aparição do mito do herói em diversas culturas, desde a greco-romana à oriental e em diferentes tribos pelo mundo. Conta que mudam em detalhes, mas a estrutura se mantém a mesma.

No modelo heroico encontra-se a referência de pais ilustres ou de natureza divina. O casal parental enfrenta dificuldades políticas, militares ou familiares. O nascimento do herói representa, muitas vezes, ameaça aos seus próprios pais ou à cidade. Muitas são as referências míticas do herói: nascer sob uma consígnia de maldição (Jasão, Édipo, Perseu, Páris) e sofrer, em decorrência disso, a vivência da exposição, ainda nascituro. A exposição (sobre as águas, terra ou em uma urna-útero) confere à criança-herói, se da vontade divina, a condição de ser salva por pescadores ou pastores, ou até por um animal. Assim se dando, os expostos passam por um tempo obscuro de vida, até que um acontecimento extraordinário mobiliza a emergência do herói.

Essa é uma situação singular que marca a vida de muitos seres humanos, qual seja, o desafio para enfrentar uma situação ímpar surge, atuando como força mobilizadora que ativa a emergência do herói, acontecendo o inimaginável. O herói, quando desperto, traz consigo uma força tão poderosa, tão espetacular, que não há como não se deslumbrar com sua presença. Na pessoa do atleta, o herói ergue seu

corpo acima da rede, desafiando a força da gravidade, saca, bloqueia, defende, promove as cortadas da bola, marca o ponto da virada do set, enfim, supera o que parecia insuperável.

Os rituais de passagem enfrentados por um herói têm caráter religioso e significam a obtenção da competência para entrar na vida “adulta”. A par disso, o ritual em si é uma condição necessária para o herói enfrentar a morte. Diante da condição do morrer há de se ritualizar a passagem da vida para a morte, retornando-se da morte para um novo nascimento. Esse rito configura um momento solene de transformação da psique. Deixa-se uma condição, ou morre-se para um estado, e renasce-se para outro. Passar por ele implica aceitar o “morrer” de condições, valores e referenciais. Passar pela morte acarreta admitir perdas, separações, fracassos, vaias, reconhecer os próprios erros e sofrer com a vergonha de tê-los cometido.

No sentido simbólico, o herói é um intermediário entre o divino e o humano. Segundo Jung (1986, par.251ss.), é um psicopompo e configura uma estrutura primordial componente da personalidade de todos os humanos. Alvarenga (2011) coloca que o herói é, portanto, um arquétipo e serve ao processo de individuação. Ninguém individua sem herói.⁴

O nome do herói retrata a essência de sua natureza, da coisa em si, do objeto; nada existe sem nome. Ele é a Forma, a Substância Vital e todos os heróis, cidades, deuses têm nomes secretos. Saber o próprio nome é saber a essência de si mesmo. Alguns exemplos importantes: Édipo significa pés inchados, Jasão é aquele que tem a missão de curar e Héracles tem seu significado na glória de Hera.

O nome que lhe é dado, após seus ritos iniciáticos, ou seja, após cumprir determinadas tarefas que o qualificam para pertencer ao mundo dos adultos, eleitos para conhecer os segredos da vida e da morte, traduz sua natureza mais profunda. Assim, podemos lembrar que o mais famoso dos heróis gregos, Héracles, antes dos ritos se chamava Alcides; Jasão anteriormente se chamava Diomedes. O nome do herói traduz sua força e seu destino e quem conhece o nome secreto das coisas e pessoas tem poder sobre elas.

O herói é reconhecido por sinais, marcas, cicatrizes. Ulisses, o herói da astúcia, é reconhecido pela ama, devido a uma cicatriz em sua coxa (Homero, 1962a). Quando

⁴. Grande parte do material deste item – “sobre o herói” – decorre de conversas pessoais com Maria Zelia de Alvarenga e que registro como comunicações pessoais. Elas ocorreram no Sítio da Grande Paineira, em São José dos Campos, de julho de 2011 a janeiro de 2012.

Ulisses se apresenta a Penélope como seu marido, ela pede que ele leve a cama do casal para outro aposento. Como e por que tal pedido? Somente ela e Ulisses sabiam que a cama do casal fora entalhada do tronco de uma oliveira e seria impossível removê-la do próprio quarto. Em outra passagem, Ulisses se apresenta a Laerte como seu filho e o velho senhor também não o reconhece de pronto, mas Ulisses, questionado sobre as árvores do pomar, aponta e descreve as que são suas e que seu pai lhe havia presenteado. As cicatrizes são marcas deixadas no corpo e servem de identificação. Principalmente a decorrente da ferida deixada pelo chifre do javali, caçado e morto por Ulisses, configuração de uma de suas provas iniciáticas, que quase custou sua vida. São as marcas ou as memórias de momentos que somente quem as viveu pode ter. Ulisses esteve ausente por quase vinte anos. Difícil reconhecê-lo, não fosse seus sinais.

O herói, no seu tempo de aprendizado, realizado sob a supervisão de seu tutor, adquire competência para enfrentar lutas contra as monstruosidades que o assoberbarão. Nas lutas futuras, o herói cumprirá seu destino maior de servir ao coletivo, proteger os fracos e oprimidos, batalhar para a grandeza de sua terra de origem, conquistar territórios, trazer a melhor semente para o plantio, adquirir tecnologias que amenizem o trabalho, cumprindo o seu papel.

Os trabalhos e/ou as artes desenvolvidos pelo herói são de várias naturezas:

Agonística: representa a condição de ser um guerreiro, um competidor, e sua atividade está ligada ao culto aos mortos. As competições eram realizadas nos famosos Jogos Fúnebres, instituídos em honra a um morto famoso para que sua glória e seu nome não fossem esquecidos. Como exemplos, têm-se os famosos Jogos Olímpicos, assim chamados por se realizarem na cidade de Olímpia e que foram miticamente instituídos em honra a Enômao, rei de Pisa, morto por Pélops. Historicamente, foram instituídos em 776 a.C. (Brandão, 1992, p.32ss.).

Mântica: o herói era instruído nas artes da mântica, com o que se tornava um vate, o que prevê. A mântica corresponde à capacidade de antever o futuro de modo não racional, com o objetivo de perceber a vontade de algo superior com o intuito de ajudar no agir humano. Vários são os tipos de mântica que os heróis aprendiam: a chamada dinâmica (inspiração direta); a indutiva (o conhecimento vinha pelo fogo, pelo voo de aves ou pelos sonhos); a ctônia (por incubação, na qual o aprendiz deitava-se e esperava a vinda dos manifestos); a cleromancia (ler a sorte por meio

de vários instrumentos); a oniromancia (*onirokrités* é aquele que explica o sonho alheio e *oniropolos* é o que interroga os deuses sobre seus próprios sonhos) (Brandão, 1992, p.77).

O herói recebia instruções sobre a látrica, com o quê se tornava um curador. Era iniciado nos Mistérios e adquiria competência para fazer a catábase, ou seja, descer ao reino dos mortos e de lá retornar, experimentando grande transformação. Lembremos que somente aos deuses e aos heróis era permitido descer ao reino dos mortos ainda vivos e dele retornarem transformados por conhecimentos próprios. Muitos foram os heróis que fizeram suas catábases e desceram ao reino dos mortos, ou dos inferos, ou de Hades. Ulisses desceu para consultar Tirésias sobre seu regresso à Ítaca; Teseu, para raptar Perséfone, lá ficando preso e sendo libertado por Hércules; Enéas, para encontrar-se com seu pai e saber sobre seu futuro e o destino da civilização que surgiria de seus descendentes; Hércules desceu por duas vezes: uma para capturar o cão Cérbero (uma de suas doze tarefas) e em um segundo momento para resgatar Alceste; Orfeu foi aos inferos na tentativa de resgatar sua amada, Eurídice; e, finalmente, Psiquê o fez para buscar a caixinha com o unguento da beleza, por ordem de Afrodite.

Aqueles que desceram ao reino dos inferos retornaram com experiências psíquicas que representaram profundas transformações da alma. No mito do herói, essa tarefa faz parte de seus ritos iniciáticos. Esses, por sua vez, têm por significado a preparação para enfrentar a vida adulta e seus desafios contínuos e constantes. Todos os seres humanos também podem experimentar essas vivências, que vêm representadas em situações dramáticas, quais sejam: perdas de pessoas amadas por morte ou por relacionamentos que se rompem; doenças graves que representam riscos de vida, como os quadros de infartos, cânceres, ou outras moléstias críticas; acidentes graves que resultam em lesões corporais, obrigando ao afastamento de todos os afazeres etc. Diga-se que esse momento, a vivência da descida aos inferos, afeta muitos atletas, decorrendo daí a possibilidade de reflexões sobre os motivos das perdas e das mortes simbólicas experimentadas. Uma lesão pode impossibilitar totalmente a atividade do atleta. Dessa forma, sofrê-la, ficar imobilizado, refletir sobre a paralisia, o impedimento, as ameaças à própria vida, para depois recuperar-se e reconquistar seu lugar no processo existencial, é um grande rito de transformação e de confronto com a morte literal ou simbólica.

Passar pela iniciação nos Mistérios significa ter competência para fazer a catábase. Os ritos iniciáticos pelos quais o herói passa o levam a defrontar-se com desafios ligados aos quatro elementos: fogo, água, ar e terra. Superar a prova do Labirinto tem valor similar ao de descer ao reino dos inferos (Teseu) ou adentrar uma caverna e lá permanecer. Na descida, arrisca-se em um domínio do qual ninguém volta. Ataca-se o monstro que, simbolicamente, vive em si mesmo. O morrer configura a transformação da consciência. Quem vai não volta. Quem volta é um ser diferente. No passado, era descer ao reino dos inferos, ou achar a saída do labirinto. Atualmente, são provas ritualísticas dessa natureza: os ritos de passagem traduzem momentos importantes na estruturação da psique. Ao longo dos tempos eles ocorrem nas situações em que os seres humanos se veem diante de desafios que, para serem enfrentados, demandam coragem, temperança e muito treinamento. Na vida moderna podemos considerar como ritos de passagem: as viagens de intercâmbio cultural para os adolescentes, o cumprimento do serviço militar, o *bar mitzvah* para os judeus, a passagem de um atleta de uma categoria para outra (ex: de juvenil para junior e, depois, para profissional), o vestibular para as faculdades, principalmente as públicas, a conquista de um trabalho que concorra para a realização das demandas pessoais, além dos ritos de caráter arquetípico, tais como o casamento, o nascimento de um filho e muitas outras situações.

As “virtudes”, inerentes à condição e à natureza do herói, são fundamentalmente duas. Brandão (1991) fala de o herói ser portador das virtudes, sendo a Excelência e a Honorabilidade (Areté e Timé) as que mais o qualificam, seja por terem em si essas dotações, seja porque essa é sua natureza. Somente aos heróis é permitida a ultrapassagem da medida, ou, segundo a mítica, a ultrapassagem do *metron*, com o que cometem a *demesure* ou a *hybris*, suscitando a ira dos próprios divinos. Todavia, a *hybris* representa um pecado, uma *hamarthia*, sendo muitas vezes o herói obrigado a cumprir tarefas para redimir-se de seus excessos (Brandão, 1987b, p.23-28).

O mestre, o instrutor, o técnico, em várias oportunidades, precisa estimular a emergência da *hybris* na conduta do atleta, principalmente nos momentos decisivos, pois somente com a emergência do herói das façanhas impossíveis o atleta quebra o recorde, bloqueia a bola que parecia perdida, acerta os saques “cravando” aces, defende uma cortada que julgava ponto certo para a equipe adversária. Enfim, instantes em que o limite é ultrapassado.

Sempre vitorioso, o herói é o que liberta, é o salvador do povo, torna-se chefe político. A vida do herói é perigosa para os ditadores, usurpadores, monarcas. Quando o herói ultrapassa o *métron*, a medida, quando entra no descomedimento, na *hybris* é como se ele desafiasse a própria divindade.

Para Brandão (1987b), a morte do herói representa o clímax de seu rito iniciático; na mítica grega o morrer tem o sentido da *anagnórisis*, cujo significado é conhecer-se por inteiro. A morte pode ser literal, como no caso de Hércules, que após o morrer foi levado ao Olimpo onde realizou suas núpcias com Hebe, filha de Zeus e Hera. Todavia, para todos quantos adentram o reino dos inferos em seu sentido simbólico, quais sejam: perdas trágicas, doenças graves, isolamentos forçados por sequestros, acidentes graves com risco de morte literal e tantas outras condições, essas situações representam mortes simbólicas. Após essas vivências, as pessoas experimentam sensações de terem se tornado outras pessoas. É como ter presenciado a morte literal e o rito de passagem, como já dito, tem esse sentido, ou seja, o de retornar da morte para outra vida. Essa vivência confere ao herói, ou ao iniciado, ou àquele que passa por tais situações a condição de se conhecer melhor e por inteiro, sentindo-se renovado.

Em Alvarenga (1999), o mito do herói é a expressão de como o desafio acontece, se resolve e como a psique se descobre. Conhecer-se é anseio de todos e o herói mítico é a melhor expressão do buscar-se. O humano após saber-se como identidade corporal (semelhanças da raça, cor, traços e vestes, armas e cultos, crenças e deuses) busca-se pelas imparidades, e o que o ser humano faz é sua natureza mais própria. O herói define o humano como ação, traduz sempre tempos de conquistas.

Brandão (1987b) acrescenta que o herói, para se desenvolver, muitas vezes é levado a ser criado por um mentor que o preparará nas artes de conviver consigo e com seu mundo. Alvarenga (1999) coloca que o herói é muitas vezes presenteado com as proteções, como apadrinhamentos inesperados que financiam estudos ou projetos, estranhas coincidências decorrentes de encontros fortuitos, gentilezas prestadas quando a oportunidade surge e que vêm retribuídas com o ganho inesperado. São momentos que pedem estranhas opções, marcas deixadas pelas estradas pelas quais se passa, muitas vezes sem serem notadas, mas que se tornam magicamente significativas em momentos futuros.

O herói mítico é, por definição, um transgressor e em todos os mitologemas componentes do seu mito encontram-se as realidades simbólicas de seu interminável processo iniciático.

Alvarenga (op. cit.) fala da importância do mito do herói ser visto como a somatória das histórias dos vários heróis, de diferentes culturas. Todo processo de transformação, para ocorrer, demanda trair o preestabelecido, o certo, o estabelecido, a tradição, a família, os princípios vigentes. Sem a traição ao velho não há como dar-se espaço ou ter-se abertura para o novo, para instituir o tempo novo. O herói é o amigo de jornada da alma, da alma que se busca, da alma que se testa.

Alvarenga (2009a) aponta que o herói que não cumpre todos os seus ritos iniciáticos, como diz o mito, ainda não está pronto para enfrentar os desafios da vida. Será então qualificado como manco, sofrendo da carência de atributos da psique para realizar sua missão. Em um primeiro momento até aceita a demanda de mudar, de instituir um novo padrão, mas ao encetar a viagem encontra obstáculos que sua incompletude o impede de transpor. A autora diz, ainda, que a dificuldade de Édipo aparece de várias maneiras: na cegueira dos tolos que não conseguem descobrir as respostas, na surdez dos deslumbrados que não ouvem as demandas interiores e no mutismo dos amedrontados que não fazem as perguntas pertinentes. Para Chevalier e Gheerbrant (1996), o herói simboliza a união das forças celestes e terrestres. Não goza naturalmente da imortalidade divina, se bem que conserve até a morte um poder sobrenatural: deus decaído ou homem divinizado. Os heróis podem, no entanto, adquirir a imortalidade, como Pólux e Hércules. E, também, ressurgir dos seus túmulos e defender a cidade posta sob a sua proteção.

Entre os atributos, competências e características de vida do herói e da figura do atleta (quando investido do arquétipo do herói) encontram-se muitas semelhanças. Assim como o herói, cada atleta paga um tributo pela condição ímpar de realizar tarefas inusitadas. Entretanto, nem um dos dois consegue abandonar ou trocar seus desafios quando as tarefas se apresentam.

Rubio (2001, p.107) afirma que:

“Uma das principais características do herói é a capacidade de enfrentamento do perigo e do desconhecido, do destemor ao combate e da busca incessante dos objetivos propostos. Nada realça tanto um número tão grande de heróis como o qualificativo de combatente, exceção feita apenas à morte, caráter que

diferencia, em certa medida, os heróis dos deuses, uma vez que estes participaram sim de combates até consolidarem sua posição divina. [...] Vale lembrar que a vida de um atleta é marcada muito mais pelo trabalho do que pelo deleite. Ou seja, se por um lado sua condição de atleta diferenciou-o de uma grande parcela da população, permitindo que gozasse de privilégios reservados a poucos, por outro essa mesma condição o fez amargar isolamento e distanciamento de situações vividas por semelhantes. E essa é uma das condições vividas pelo herói arquetípico.”

O atleta, na condição de herói, paga um preço alto por isso. Nada mais justo do que receber as benesses da vitória depois de tanto esforço.

Para Hesíodo (1993), os referenciais que norteiam a condição de ser do herói parecem estar mais próximos das necessidades, princípios e pressupostos que devem nortear o atleta na atualidade. O “ser” para o atleta deve estar ligado com o intuito e o desejo de vencer e para isso serão necessários trabalho árduo e justiça. Na mítica, justiça é uma virtude ou uma dotação concedida por Zeus. No mito de criação relatado por Platão (1999), quando os homens começaram a se desentender e se destruir de forma insana, Zeus chamou Hermes e o enviou a Terra com dois atributos para serem distribuídos aos humanos, em iguais condições para todos. Eles eram: *Diké* e *Aidós*, ou seja, senso de justiça e a necessidade de dar ao coletivo o que cada um tem de melhor em si mesmo. *Aidós* tem ainda o sentido de, em não sendo exercido, provocar no ser humano o sentimento de vergonha. Justiça é também um conceito da arte do Direito, porém antes disso é um conceito ético. Por ser um conceito jurídico diz respeito ao cumprimento das leis. Assim, cumprir a lei é estar sendo justo. Do ponto de vista ético relaciona-se ao fato de fazer a coisa certa pelo fato daquilo ser o correto, ou seja, decorrente da virtude *Aidós*. O herói, assim como o atleta, que se exerce por esses pressupostos, trabalhando arduamente e se conduzindo com justiça tem melhores oportunidades de ser recompensado e reconhecido – direito à *Timé*, honorabilidade.

Campbell (1990a, p.49) ressalta que “desejo e medo: eis as duas emoções pelas quais é governada toda vida na terra”. O herói, como dito anteriormente, se define pelo fazer, pela ação. Para se realizar algo é necessário um mínimo de desejo presente para que as coisas aconteçam. Por outro lado, na proposição de se fazer algo (uma tarefa), dúvidas e medos surgem e nesse momento fundamental, o herói é tomado pela emergência da *Areté* (excelência). Quando o herói está ativado no

atleta, e esse centrado em si mesmo, apesar da presença do medo, a alteração do padrão de consciência toma conta do indivíduo e, nesse momento ímpar, ele não se paralisa para a execução, nem entra no campo das reflexões que geram dúvidas.

O herói aqui enfocado é uma expressão primordial de uma maneira de ser, de um jeito de se conduzir, apresentado no mito das várias culturas como o guardião, o defensor, o que nasceu para servir, para exercer o seu *mister* para o bem e transformação do coletivo (Brandão, 1987b; Kerenyi, 1993, p.17-28).

Para melhor cumprir o seu papel, o herói precisa de treinamentos especiais, considerados, em seu conjunto, como um processo tradutor de um rito de passagem (Campbell, 1990a; 1990b).

Nos tempos míticos, o herói precisava ser instruído e treinado por longa data. Para esse treinamento os meninos eram enviados a tutores especiais que os capacitavam para seus desafios ou, em alguns casos, instrutores eram contratados com a missão específica de cuidar da formação intelectual, emocional e capacitação física, como no caso do herói Héracles (Brandão, 1991). Esse modelo também pode ser encontrado como realidade, na vida de muitos personagens históricos.

Cousineau (2004, p.221) cita a figura do treinador filósofo:

“Em resumo, um treinador filósofo, como todos os filósofos, é um amante da sabedoria e, nesse caso, um amante da sabedoria da vida esportiva [...] é treinador, professor, mentor, conselheiro, figura paterna/materna e guia espiritual, tudo numa pessoa só [...] dá lições de vida, ensinando também coisas como lealdade, concentração, disciplina, capacidade de superar a adversidade e disposição em jogar em equipe ou por uma causa maior.”

A figura desse treinador filósofo aparece na mitologia grega no mito de Quíron, mentor e personagem central e fundamental na formação de inúmeros heróis.

Para o atleta-herói, em seus ritos de passagem, vencer a monstruosidade representa simbolicamente vencer os demônios interiores, representados, muito frequentemente, pela preguiça e indolência, pela cobiça e inveja, pela inflação da vanglória, pelos desatinos e tantos outros. O atleta não pode deslumbrar-se com o aplauso antes de conquistar a vitória.

Campbell (1990a, p.171) discute essa questão, afirmando que:

“O lugar a ser encontrado está dentro de você mesmo. Aprendi um pouco a respeito, no atletismo. O atleta que está em excelente forma tem um pouco de quietude dentro de si mesmo, e é ao redor disso, de um modo ou de outro, que sua ação se exerce. Se estiver todo projetado lá fora, no campo ou na pista, ele não conseguirá um desempenho adequado... Existe um centro de quietude, interior, que deve ser conhecido e preservado. Quando você perde esse centro, entra em tensão e começa a cair aos pedaços.”

Nesse momento podemos lembrar um episódio digno de ser citado e que se refere ao divino Dioniso, quando de seu primeiro nascimento. Filho de Zeus e de Perséfone, Dioniso é conhecido como Zagreu, ou o grande caçador. Logo após seu nascimento, Hera, esposa oficial de Zeus, injuriada com a emergência de um “bastardo” toma as providências para persegui-lo. Ela envia figuras gigantescas para assustar a criança, todas com os rostos cobertos de cinza esbranquiçada, com a intenção de torná-las semelhantes a fantasmas. Todavia, o pequeno Zagreu está centrado em si mesmo e não se assusta com as criaturas que o cercam. Os gigantes não conseguem atingir o divino Zagreu. O menino é invulnerável, pois, centrado em si, mantém-se no perfeito equilíbrio, não podendo ser atingido. Servem-se, então, de pequenos brinquedos, com os quais tentam desviar a atenção da criança divina. Desta forma, visam torná-lo fraco e vulnerável, para o atacarem. Surgem piões coloridos giratórios, ossinhos barulhentos, enfim, muitos brinquedos. Nada, porém, desvia a atenção de Dioniso. Finalmente, os gigantes oferecem ao pequeno Zagreu um espelho.

Ao se vir refletido defronta-se com a própria imagem externa e fica fascinado. Dioniso sai, ou perde o centro, e se liga à imagem refletida. Ou seja, liga-se ao que não é. Perde-se de si. Dioniso vulnerável é atacado e morto pelos gigantes titânicos que o picam em pedaços, cozinham-no e o comem. Resta, porém, fora do caldeirão seu pequeno coração. Deusas que por lá passam alertam Zeus das tentações sobre Dioniso. O grande Olímpico acode em defesa do filho, mas já é tarde.

Os titãs devoram o corpo de Dioniso. Zeus os fulmina com seu raio, restando somente suas cinzas. Diz o mito que dessas cinzas nasceram os homens que carregam em sua natureza o corpo do divino Dioniso e a argamassa titânica da temperança, dedicação para vencer. O coração de Dioniso é levado por Zeus e dado para a divina Sêmele, para que o coma, gestando o segundo Dioniso (Brandão, 1991, p.285-92).

Dioniso consegue ser atacado e fica vulnerável quando se olha no espelho. Observando sua própria imagem, perde-se. Sua psique fica inflada e ele, nesse momento, perde-se por completo. De modo análogo, isto ocorre com muitos atletas que ainda não estão preparados para cumprir a tarefa. Acham-se mais do que são, tornam-se extremamente inflados pelo próprio deslumbramento, perdem-se na fama e na enorme quantidade de dinheiro que recebem em pouco tempo. Poucos são os que conseguem equilibrar-se entre o ser e o ter. Passam a ter e deixam de ser. Perdem rendimento, afundam-se em problemas e a vida acaba por mostrar que irão precisar repensar suas atitudes. Alguns reverterem o caminho, outros não. O mestre-técnico-Quíron precisa estar atento nesse sentido, alertando seus heróis-atletas para não se perderem em tantas armadilhas.

A correlação desse episódio com a vida do atleta lembra a necessidade de manter-se centrado em si, em seus propósitos, em suas metas, mostrando que na maioria das vezes o maior inimigo somos nós mesmos. Destruímos e perdemos por não sabermos lidar com nosso interior, nossa imagem e objetivos.

Não é fácil trilhar o caminho heroico, é preciso estar preparado.

Como o pequeno Zagreu, se o atleta fascinar-se com a própria imagem perder-se-á de si mesmo e estará fadado ao fracasso. Esta condição pode ser considerada um dos maiores desafios a ser vencido.

A condição de manter-se centrado em seus propósitos: cumprir a tarefa com *Areté* para depois ser agraciado com a *Timé*, implica ter em mente que em primeiro lugar é preciso e necessário cumprir a tarefa com excelência, para só depois ter direito a honorabilidade. Honrarias são prestadas a quem cumpriu com destreza suas metas. Quando o herói não está pronto, ele corre o risco da inflação, de se achar melhor do que é, ou mais competente que os demais. Quando a glória assoma a psique do atleta, à imagem e semelhança do herói, ele se perde e torna-se a derrota, o fracasso.

Brandão (1987b, p.18) afirma que para adentrar os mistérios e segredos da vida adulta é preciso passar por longo período de formação. Esse processo inclui treinamento físico intenso, aprendizado de vários modelos de lutas, manejo de armas (arco e flecha, espada, lança etc.), treinos em várias modalidades esportivas, conhecimentos de astronomia, do uso medicinal de plantas, aprendizado da música, dança, escrita e leitura; enfim, é necessário ter-se uma base sólida e ampla. Neste contexto a figura de um tutor ou de um mestre torna-se fundamental para encurtar o

caminho. O centauro Quíron representa esse papel para inúmeros heróis e será abordado no capítulo 6.

É neste sentido que o atleta, além de se preparar com treinamento na esfera física, técnica, tática e psicológica, precisa também ter uma formação generalista: saber um pouco de nutrição, ter conhecimentos gerais, conseguir se comunicar de maneira adequada, conhecer um pouco de preparação física, de técnicas de relaxamento e de visualização, aprender a tocar um instrumento... Quíron ensina muito sobre isso! Entendemos que esse modelo de preparação do herói grego, cuja meta é torná-lo competente para exercer o seu *mister*, congrega referenciais de sabedoria que têm muito para ser retomado e usado em nosso tempo.

5. HISTÓRIAS DE VIDA DE TRÊS TÉCNICOS CAMPEÕES

Técnicos-Mestres e Mestres-Técnicos do voleibol brasileiro:

No presente capítulo, vou me ocupar com os relatos, de caráter biográfico, de três personagens importantíssimos na história do voleibol brasileiro nos Jogos Olímpicos. São figuras de reconhecido valor, três homens que conquistaram o respeito internacional, sejam como atletas ou como técnicos. Todos concorreram para o engrandecimento e reconhecimento do voleibol brasileiro, conquistando vitórias inesquecíveis, forjando equipes campeãs, trazendo para o Brasil honorabilidade a par das medalhas conquistadas em campeonatos internacionais. Esses três homens foram previamente atletas de alto rendimento do voleibol, medalhistas olímpicos como jogadores ou técnicos que, ao longo dos anos, fizeram-se técnicos de seleções de voleibol. E, nessa condição, destacaram-se também pela seriedade do trabalho, pelo altíssimo rendimento de suas equipes, revelando-se com a categoria de “mestres”. São pessoas que fizeram mais do que lhes foi destinado, que viveram momentos de grandes conflitos na dinâmica das próprias equipes, que sofreram derrotas sem esmorecer e conquistaram vitórias com serenidade. Foram muitas as razões que me levaram a escolhê-los para compor esta dissertação: admiração, respeito, reconhecimento. Espero honrá-los com o meu trabalho.

As entrevistas utilizadas nessa dissertação fazem parte do projeto “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros”.

5.1. Paulo Roberto de Freitas (Bebeto de Freitas)

Nasceu em 16 de janeiro de 1950, no Rio de Janeiro. Sobrinho de João Saldanha (jornalista, ex-jogador e técnico de futebol) e de Heleno de Freitas, considerado o melhor jogador botafoguense antes de Garrincha. Bebeto tinha a “estrela solitária” desde o berço e relata que começou suas atividades esportivas praticando basquete, sendo campeão carioca em 1962/1963 jogando pelo Botafogo de Futebol e Regatas.

Aos 12 anos começou a jogar voleibol. Primeiro na praia e no colégio, passando depois a jogar no clube. Conta que, naquela época, no Rio de Janeiro, ocorriam os

Jogos Infantis, que contavam com o Jornal dos Esportes para a divulgação dos acontecimentos esportivos, nos clubes e nos colégios. Abandonou, efetivamente, o basquete ao ser chamado para seleção carioca de vôlei. Foi campeão brasileiro infantil em 1965, no Rio de Janeiro, campeão brasileiro pelo Botafogo por cinco ou seis vezes, além de ter sido campeão carioca por onze vezes. Na época, por ser o mais jovem, era considerado “mascote”, o caçula do grupo. Relata que, naquele tempo, os treinos de voleibol ocorriam em dois ou três dias da semana.

Comenta, também, que após os Jogos Olímpicos do México (1968) houve atritos entre atletas e dirigentes ocorrendo, em 1969, uma grande renovação na seleção brasileira de voleibol. *“Fizeram aquelas renovações drásticas do esporte brasileiro.”* Muitos dos atletas que participaram da Olimpíada de 1968 não foram convocados, dando oportunidade para jogadores juvenis, com Bebeto entre eles, pois vinha se destacando em seu clube e na seleção carioca. Começou a participar de jogos internacionais com a seleção, o que provocou uma melhora substancial em seu jogo. *“Mas foi meio por acaso no início”,* diz Bebeto.

Viajou para Munique, em 1972, para participar dos Jogos Olímpicos, na função de levantador do time brasileiro. Devido a uma crise de apendicite, foi operado na Alemanha durante a realização dos Jogos Olímpicos, ficando fora da competição. Conta que o Brasil perdeu um jogo para o Japão, país que viria a ser o campeão olímpico. Recorda do trágico atentado contra os israelenses na Vila Olímpica, levando à interrupção das competições por um dia. *“Foi a última Olimpíada aberta, franca. Você entrava e saía da Vila somente com a sua identificação.”*

Bebeto avalia como era o voleibol brasileiro naquele momento: *“Tínhamos um voleibol muito bom, mas não tínhamos condições atléticas e físicas para competir contra os melhores”.*

Aponta para a falta de profissionalismo da época que levou o jogador Paulo Poter (Paulão) a se afastar da seleção, mesmo convocado, porque tinha acabado de conseguir um emprego e a companhia empregadora não entendia a importância de seu empregado se distanciar do serviço para jogar. Era comum um jogador pedir dispensa da seleção, uma vez que trabalho, treino e competição eram inconciliáveis. Aos 23 anos, Bebeto já estava formado em Educação Física e trabalhava como técnico, além de atuar como jogador. Conta que em 1976, nos Jogos Olímpicos de Montreal, os jogadores fizeram o possível para obter uma melhor colocação, mas

não foi possível ir muito além. Fala de sua frustração como atleta diante do resultado e da convicção de que o vôlei do Brasil deveria estar entre os melhores do mundo. Essa, talvez, tenha sido uma das razões para ele ter-se decidido ir para os Estados Unidos estudar e jogar voleibol. Lá fez vários cursos na área de gestão, treinamento esportivo e fisiologia do exercício, conhecimento que o capacitou a exercer diferentes posições no esporte brasileiro. Atuou como jogador em território estadunidense e por essa razão não pôde mais jogar pela seleção brasileira. Prevalecia nessa época o preceito do amadorismo e aquele jogador que ganhasse qualquer quantia em dinheiro para competir era considerado profissional, perdendo, assim, o direito de participar dos Jogos Olímpicos. O voleibol norte-americano era profissional e muito contribuiu para a sua formação, uma vez que lá pôde observar de perto a estrutura do esporte de alto nível. Foram cinco anos de intenso aprendizado em território americano, nos quais percebeu a diferença da organização e dos treinamentos em relação ao que ocorria no Brasil. Constatou, por fim, que era essa organização o que faltava ao vôlei brasileiro, já que com relação à parte técnica nossos jogadores tinham o mesmo nível que os de lá.

Em 1980, após os Jogos Olímpicos de Moscou, que não disputou, foi chamado para ser o técnico da seleção brasileira masculina de voleibol. E, nesse momento, viveu a transição do papel de atleta para o de técnico. Estava com 30 anos e acumulava uma experiência que jogador brasileiro algum havia conquistado. Sua primeira preocupação foi começar a pensar como técnico, tentando afastar o raciocínio de jogador, embora reconheça que foi justamente a vivência e o pensar como atleta que lhe permitiram ser o técnico que foi. Contribuiu para isso o fato de ter sido levantador, a posição que mais exige pensamento estratégico do jogador.

Aqui se destacam sabedoria e ensinamento: o técnico-mestre normalmente consegue contribuir de maneira mais efetiva com seus comandados quando vivenciou previamente experiências similares às dos discípulos.

Sobre o fato de ter se transformado em técnico de voleibol diz que *“foi uma coisa que aconteceu naturalmente, a experiência vem com o tempo... A maturação de um técnico é tão importante quanto a de um atleta”*.

Implantou uma nova filosofia de trabalho no voleibol, que havia aprendido nos EUA, utilizando novos métodos de trabalho, com musculação e treinamentos específicos em dois períodos de atividades por dia. Houve uma profissionalização, uma transformação na dinâmica, na filosofia de treinamento e no pensamento. Bebeto

montou uma comissão técnica com preparador físico, médico fisiologista, assistente, estrutura inédita no esporte olímpico até então. Iniciou-se uma época de treinamento mais objetivo, baseado em dados estatísticos relacionados a exames e testes de capacidade dos jogadores. *“Sempre tivemos excepcionais jogadores de voleibol. Passamos a ter excepcionais atletas de voleibol, dali em diante.”* O trabalho para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, foi fundamental no processo de desenvolvimento do vôlei no Brasil, marcando sua transformação. A seleção brasileira conquistou a medalha de prata, a primeira em modalidades coletivas do país, e essa geração ficou conhecida como “geração de prata”. Participaram dela os jogadores William, Montanaro, Bernard, Renan, Amauri, Xandó, entre outros. Bebeto fala do conhecimento que adquiriu no período em que morou nos EUA para chegar ao desempenho da seleção de prata: *“Fomos aprendendo a trabalhar no limite do atleta. O esporte de alto nível é isso”.*

Após retornar de Los Angeles, participou de um projeto ousado de profissionalização do esporte olímpico, liderado pela Companhia de Seguros Atlântica Boa Vista. Essa equipe tinha como patrono o empresário Braga, conhecido como Braguinha. Passou a administrar o projeto esportivo gerenciando basquete, vôlei, natação, atletismo, tênis e futebol de salão, além de ser o técnico da equipe de voleibol.

Com uma formação política pouco comum no meio esportivo, Bebeto começou a ter conflitos com alguns dirigentes considerados inescrupulosos e corruptos. Isso o levou a se afastar da seleção que disputaria os Jogos Olímpicos de Seul (1988), que passou a ser comandada pelo coreano Young Wan Sohn, técnico da equipe do Minas Tênis Clube, promovedor de uma renovação dos jogadores, alterando drasticamente a filosofia de trabalho vigente. O descontentamento de alguns atletas com a nova metodologia levou-os a pedir desligamento da seleção, gerando uma crise que culminou no desligamento do técnico, restando apenas 35 dias para o início dos Jogos. Bebeto foi novamente chamado para ser o técnico da Seleção Brasileira. De imediato chamou os atletas que foram base da “geração de prata”: Willian, Montanaro, Renan, Xandó, Amauri, considerados intocáveis – e buscou Bernardinho para ser seu assistente, iniciando os treinamentos. A renovação coube a atletas como Marcelo Negrão, Tande, Mauricio, Giovane, Janelson, Jorge Edson e Paulão, que viriam a ser a base da equipe campeã olímpica em 1992, em Barcelona, sob o comando do técnico José Roberto Guimarães. Apesar de todos esses atropelos a Seleção Brasileira terminou a competição em quarto lugar.

Permaneceu no Brasil e à frente da seleção até as vésperas dos Jogos Olímpicos de Barcelona, quando seus desentendimentos com os dirigentes se tornaram incontornáveis. Após receber um convite da Itália, partiu para a Europa, onde se afirmou como técnico vitorioso.

Em 1996, voltou ao Brasil para trabalhar no projeto da criação da equipe Olimpikus, sendo campeão brasileiro no comando do grupo. A passagem pela Itália lhe rendeu o convite para ser o técnico da seleção italiana de voleibol. Diante do boicote sofrido pelos dirigentes para que continuasse a trabalhar no Brasil aceitou a oferta o que lhe rendeu a condição de campeão da Liga Mundial, do Campeonato Europeu e do Campeonato Mundial no biênio 1997/1998, derrotando inclusive o Brasil.

Mas a vida de exilado não se adequava ao perfil de Bebeto. Em 1999, regressou para o Brasil e assumiu o papel de diretor-executivo do Clube Atlético Mineiro. Fez um trabalho de administração organizando o centro de treinamento, gerenciando *marketing* e organizando as questões relacionadas ao bom funcionamento do clube. Visto como um revolucionário na gestão do futebol, a experiência abriu as portas para que ele pudesse alterar o rumo desastroso que seu time de coração vinha vivendo. Disputou e ganhou as eleições para a presidência do Botafogo, clube com o qual mantém um laço afetivo muito forte, iniciado ainda quando criança. O retorno foi como se ele fechasse o ciclo da unidade nuclear do monomito (Campbell, 1990b). Das muitas lições que o esporte lhe ensinou, Bebeto fala da importância de se trabalhar em equipe, *“por mais habilidoso que um atleta seja é a equipe quem ganha, não um único jogador”*, da necessidade de se ter uma estrutura profissionalizada, *“tecnicamente hoje todo mundo está no mesmo nível”*, da necessidade de se manter íntegro em suas ações e pensamentos: *“ao não compactuar com a corrupção fiquei sem time para dirigir, no Brasil”*. É justamente aí que ele se torna referência para uma nova geração de atletas, técnicos e dirigentes.

5.2. Bernardo Rocha de Rezende (Bernardinho)

Bernardinho foi o brasileiro que, até hoje, mais ganhou medalhas nos Jogos Olímpicos, se somados os seus resultados como atleta e técnico. Acumula, atualmente, cinco medalhas olímpicas (sendo uma de ouro, como técnico da seleção masculina do Brasil em 2004, duas de prata – uma como jogador, em 1984, e outra

como técnico da mesma seleção, em 2008 –, além de duas medalhas de bronze como treinador da seleção brasileira feminina de vôlei, em 1996 e 2000).

Nasceu em 25 de agosto de 1959, proveniente de uma família de classe média alta do Rio de Janeiro. Estudioso, preocupou-se em ter uma sólida formação acadêmica, uma vez que achava que o voleibol seria algo passageiro em sua vida. Via nos estudos uma possibilidade maior para ter autonomia e continuar seguindo seu caminho. Estudou nos melhores colégios particulares do Rio de Janeiro e reconhece que com isso: *“tive todas as condições”*.

Sempre foi um esportista e desde muito jovem praticou inúmeras modalidades. Orientado pelos pais praticou natação, judô, futebol, tênis e, aos 11 anos, começou a praticar voleibol no Fluminense Futebol Clube. Lá teve um professor que muito marcou a sua formação, bem como de outros jogadores de destaque na história do voleibol brasileiro. *“Bené foi um dos professores mais importantes aqui do Rio de Janeiro; fez craques como Bernard, Fernandão, Badá.”*

No início, não considerava o vôlei como uma possibilidade de carreira. Fez engenharia e formou-se também em economia na PUC-RJ. Chegou até a fazer um estágio em um banco de investimentos, uma vez que pretendia seguir essa carreira. Participou como jogador dos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, e da equipe medalha de prata de 1984, em Los Angeles. Enquanto era jogador nunca considerou o voleibol como sua atividade principal ou que ela viesse a ser no futuro. *“Eu sempre dividi o esporte com os estudos, mesmo chegando à seleção brasileira, porque eu não acreditava que pudesse viver e sobreviver apenas com o voleibol.”*

Foi casado com a ex-jogadora de voleibol Vera Mossa com quem teve um filho – Bruno, atual levantador da Seleção Brasileira.

Já como técnico da seleção brasileira feminina casou-se com Fernanda Venturini, levantadora da seleção, com quem teve duas filhas, Júlia, atualmente com 9 anos e Vitória, de 1 ano, e permanece casado até o momento. Relata que esse casamento parece ter dado o suporte necessário para que possa enfrentar os desafios de manter-se em tal alto grau de excelência à frente da seleção masculina.

Muito estudioso, sempre foi interessado em assuntos relacionados à liderança, gestão, exemplos esportivos, grandes ídolos, grandes nomes do Esporte ou de outras áreas. Já escreveu dois livros e participa de projetos de tradução e comentários de outros. Fala do aprendizado que teve e que tem com as biografias de *“pessoas que fazem a diferença”*: *“Há uma expressão em inglês que diz: se*

debruçar sobre os ombros, se apoiar sobre os ombros dos grandes homens para que você possa aprender um pouco mais sobre o mundo. É o que eu tento fazer permanentemente”.

Pouco antes dos Jogos Olímpicos de Seul (1988) foi convidado por Bebeto de Freitas para ser seu assistente, pois esse o considerava uma pessoa destacada daquela “geração de prata” por analisar e entender o jogo do ponto de vista técnico e estratégico como poucos jogadores de sua época. Começava aí sua carreira de técnico, tanto em clubes como em seleções, que lhe rendeu inúmeros títulos.

No final da década de 80, assumiu o papel de treinador e passou a colocar essa atividade profissional como a mais importante da sua vida.

Em 1989, aceitou a condição de técnico de uma equipe feminina na Itália. *“Então eu pensei: ‘seria possível viver dessa paixão?’ Isso foi em 1989 para 1990, quando eu falei: ‘olha, realmente eu acho que eu vou por aqui, né?’, e ali a coisa começou. Eu falei: ‘eu tenho que estudar muito, me dedicar muito, para que eu possa ser bem-sucedido’, e isso acabou se tornando a principal atividade da minha vida.”*

Bernardinho gosta de usar o conceito “armadilha do sucesso”. Relata a necessidade de se ter uma atenção redobrada após um sucesso esportivo, pois os adversários que perderam vão se sentir “feridos” e buscarão treinar, observar e estudar mais e se não se tiver dedicação e atenção com isso, será grande a chance de se perder a próxima batalha.

Bernardinho inaugurou uma geração meritocrática no voleibol brasileiro e entende que isso se deu graças à determinação por conquistar algumas metas e à concentração no caminho necessário para se chegar lá: *“Tudo depende do que você realmente quer, de você trabalhar para desenvolver sua capacidade. Acho que você se torna bom a partir daí”.*

Em um misto de nacionalismo e a busca pela excelência, entende que trabalhar com a seleção brasileira é o auge da carreira de todo técnico. *“O sonho de qualquer treinador é treinar a seleção de seu país.”*

Mas é no trabalho em equipe que Bernardinho entende estar erigido um dos pilares de seu projeto bem-sucedido. Isso o levou a alterar os sistemas de premiação que haviam prevalecido até então. *“O voleibol é muito coletivo, porque toda ação é uma interação, eu interajo, eu passo para alguém que levanta para alguém que ataca e que eu cubro, tem uma interação permanente.”* Desde sua chegada à seleção, o prêmio de melhor jogador em qualquer posição na equipe passou a ser dividido

entre todos, exceto a comissão técnica. *“O prêmio individual é dividido da seguinte maneira: 50% permanecem com o jogador agraciado, pelo seu talento, pelo seu esforço, pela sua determinação no trabalho, pelo seu desempenho, os outros 50% são divididos entre os outros onze jogadores.”*

Bernardinho foi técnico da seleção brasileira feminina, de 1994 a 2000. Nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) e de Sydney (2000), foi medalha de bronze. Após deixar o time feminino, foi convidado para dirigir a seleção brasileira masculina, em 2001 e permanece no cargo até o momento. Nesse período, já foi três vezes Campeão Mundial (2002, 2006 e 2010), além de medalha de ouro nos Jogos de Atenas (2004) e medalha de prata em Pequim (2008), além de inúmeros outros títulos.

Em 2004, na Olimpíada de Atenas, seu atleta Giovane atingiu o bicampeonato.

5.3. Giovane Farinazzo Gávio

Nasceu em Juiz de Fora, no dia 7 de setembro de 1970. Com 6 anos começou a praticar judô. O pai foi responsável por isso por achar Giovane uma criança com muita energia: *“Lá você pode bater, com regras”*. Praticou o esporte até os 10 anos, sendo bicampeão mineiro. *“Gostava, levava a sério.”*

Conta que no período escolar teve o incentivo do professor de Educação Física para vivenciar e experimentar muitas modalidades esportivas. Praticou atletismo, futebol e voleibol. Um de seus professores chegou a sugerir que praticasse os 110 m com barreiras, pois era muito alto e tinha as pernas grandes. Relata que não era bom jogador de futebol.

Aos 12 anos, começou a treinar voleibol, influenciado pela geração que viria a ser medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984. Era um dos mais altos e com maior envergadura no time. Disputou campeonatos na escola, no município e no interior, até chegar à seleção mineira. Aos 16 anos, foi convidado para jogar na equipe juvenil de voleibol do Banespa, em São Paulo. Assim como outros migrantes no esporte, morou em São Paulo em uma casa com diversos atletas da equipe juvenil. Conta que com seis meses já estava na equipe adulta. Teve a oportunidade de treinar com Montanaro, Amauri e Xandó, estrelas do voleibol, à época. Considera esse fato como de grande importância para a sua formação. Em 1988, era campeão sul-americano juvenil e, em 1989, terceiro

colocado no Campeonato Mundial, ambos pela Seleção Brasileira. Esse também foi o ano de sua chegada à seleção adulta. Em 1990, tornou-se campeão sul-americano, contra a Argentina, e quarto colocado no Campeonato Mundial.

Ainda em 1990, Giovane recebeu convite para jogar na Itália. Ficou lá por quatro temporadas, sendo dois anos em Padova e outros dois em Ravena, avaliando que esses quatro anos foram um período de muita aprendizagem, equivalentes a uma ida à universidade. Era considerado o melhor jogador da equipe e o que recebia o maior salário. Assim, as bolas decisivas ou as mais importantes eram sempre deixadas para que ele resolvesse. A Itália tinha o melhor campeonato de voleibol e a maior parte dos jogadores dos vários times era composta pelos melhores da época, no mundo. Alguns sextetos eram verdadeiras seleções e, por conta disso, diz que treinava com uma seleção mundial a cada dia. Todas essas experiências fizeram com que ele amadurecesse muito, melhorando e desenvolvendo suas qualidades dentro do vôlei de maneira significativa.

Giovane participou da equipe formada por José Roberto Guimarães, que viria a ser chamada de “geração de ouro”. Foi um dos titulares daquela equipe, invicta, nos Jogos de Barcelona (1992) e eleito o melhor jogador do mundo. Relata que o período de 1994 a 1996 foi muito difícil, em função da expectativa gerada por aquela geração vitoriosa. Eles representavam a seleção a ser vencida por quem desejasse ser o próximo campeão. Essa equipe foi também campeã da Liga Mundial, em 1993. A equipe não soube lidar com toda essa cobrança e o desempenho começou a cair: *“... em 1994, nós entramos num período negro onde tinha muita pressão, tinha muita cobrança interna e externa. Tinha muitos patrocinadores, então eu achava que tinha que jogar sempre bem porque senão os patrocinadores iam ficar tristes ou não iam continuar me patrocinando. Então, de uma certa forma, foi um peso desnecessário que eu carreguei neste período. Ao mesmo tempo a seleção experimentou essas sensações novas. ‘Ah, por que gritam mais para um do que para outro? Por que um ganha mais dinheiro que o outro?’ Muitas coisas novas ao mesmo tempo e nós não soubemos lidar com isso”*.

O Campeonato Mundial, em 1994, foi uma objetivação dessa queda. Ele representou a interrupção de um período de vitórias e o início de uma fase com derrotas significativas para o grupo: perdeu a final da Liga Mundial, em 1995, no Rio, e, em 1996, os Jogos Olímpicos. *“... em 1996, perdemos a Olimpíada; eu não queria mais jogar vôlei, muitas pessoas me acusavam: ‘o problema foi o Giovane, o*

problema foi o Giovane'. Então tá bom, então eu paro e aí resolve o problema de todo mundo. Parar eu não podia, nem queria, então eu fui jogar vôlei de praia".

Na praia, fez dupla com Tande, de 1997 até 2000. Relata um aprendizado importante neste período. *"Fora a felicidade de poder conviver com o Tande, próximo, durante muito tempo, onde ele é um cara muito positivo, um cara muito alegre. Eu sou virginiano, com ascendente em virgem, então eu sou muito chato, pé-linha, aquela coisa muito certinha com horário. O Tande é muito tranquilo, carioca e tal, acabou me estragando um pouco e eu consertei ele um pouquinho."*

Em 2000, Giovane recebeu um convite para voltar para a seleção brasileira de quadra e disputar os Jogos Olímpicos em Sydney. Também foi um período difícil, pois o grupo de jogadores refutou a presença, tanto de Giovane como de Tande. Ambos haviam sido campeões olímpicos em Barcelona.

"Nós não tínhamos o direito de estar naquela seleção brasileira, nós fomos colocados naquela seleção brasileira em função do que nós éramos no passado. É, Tande e Giovane jogaram muito lá em 1996, eram quatro anos de distância e, lógico, o grupo que vinha treinando nesses quatro anos não entendeu, nem aceitou de uma forma muito boa aquela decisão."

Quando tudo parecia terminado, Bernardinho o chamou dando-lhe uma nova chance na Seleção Brasileira, em 2001. Esse período de sua carreira foi marcado pelo exercício de novas funções, uma vez que agora ele era o veterano do grupo, o mais experiente, quase um tutor da nova geração. Ficava no banco de reservas a maior parte do tempo, entrando para jogar de vez em quando. Sua atuação fora da quadra começou a ter um significado muito grande. Observava, via erros, discutia, passou a ter uma atuação maior na condução do grupo. Começou a compreender que isso também tinha importância dentro do contexto geral. Talvez aí tenha se iniciado sua carreira como treinador. Foi bem recebido por essa nova geração e passou a sentir-se realmente parte daquela seleção.

Em 2002, foi campeão mundial pela seleção brasileira. O fato de ter sido o sacador dos últimos três pontos da partida que trouxe o título para o Brasil significou muito para ele e para o grupo. Era um momento decisivo, Giovane não era titular e vinha atuando pouco em quadra. Conseguiu transformar aquele momento e eternizá-lo, sintetizando o que foi aquela seleção, um grupo unido onde os jogadores pensavam e jogavam como equipe.

Em 2003, foi considerado o melhor atacante do mundo e, em 2004, campeão olímpico, novamente.

Relata que nos Jogos Olímpicos de Atenas passou por momentos muito tensos. Estava ali como um veterano e via as armadilhas que poderiam acontecer: deslumbramento, Vila Olímpica, mitos do esporte de outras modalidades. Todas essas situações poderiam tirar o rumo da seleção, principalmente dos mais jovens. Sabia que podia usar sua experiência para contribuir com a equipe, pois já havia passado por experiência similar em 1992, nos Jogos de Barcelona. Terminada as disputas, voltou para o Brasil e em 15 de abril de 2005 decidiu encerrar sua carreira, faltando-lhe apenas o título de campeão pan-americano.

Entre 2005 e 2006, trabalhou como gestor em um projeto, no sul do país. Após esse período, resolveu ser treinador de voleibol. Relata a dificuldade que é ser treinador e da necessidade de planejar os treinamentos, o jogo em si, as estratégias a serem usadas, reuniões que são feitas para o planejamento do futuro e tudo que envolve a boa preparação de uma equipe de voleibol. Coloca que seu objetivo é chegar a ser, um dia, técnico da seleção brasileira de vôlei. *“Eu acho que a vida tem que ser assim. Coloca-se um objetivo e se trabalha muito para que este objetivo aconteça.”*

Giovane fala sobre a importância de se trabalhar em equipe. *“Não dá para a gente ganhar nada sozinho no esporte coletivo.”* Faz uma síntese de sua carreira, com tudo o que passou: *“Os títulos são eternos”*. Entende que os inúmeros feitos realizados em sua carreira representam uma grande responsabilidade: *“Você ser exemplo para outras pessoas é muito bom, você ser lembrado por ter feito coisas boas, é muito bom”*. E lembra o que os gregos já falavam, há muito tempo, sobre a necessidade de ser reconhecido após grandes feitos (*Timé*): *“É bom ser reconhecido, é bom dar autógrafa”*.

Sobre o poder que os grandes feitos trazem, conta que após ser bicampeão olímpico em 2004, em Atenas, na volta do ginásio, no ônibus, pediu a palavra e falou para todos ali sobre a mudança que a medalha de ouro traria na vida dessas pessoas. Disse que todos passariam a ser mais observados e seriam exemplo para muitos. Sempre foi um atleta que se cuidou. Preocupava-se com o sono, a alimentação e o seu corpo. Talvez, também por isso, tenha sofrido poucas lesões durante sua carreira. Sempre foi muito disciplinado.

Atualmente, como técnico, dirige a equipe masculina do SESI-SP de vôlei.

6. O MITO DE QUÍRON

O herói, como já dito, precisa de um mentor (Brandão, 1992, p.355-56). Na mítica grega o melhor e mais famoso dos mentores foi o centauro Quíron. Em grego, *Kei/rwn* (Kheíron), é um nome que representa, possivelmente, uma abreviatura de *Keirourgós* (Kheirurgós), ou seja, "aquele que trabalha ou age com e pelas mãos", cirurgião. Seu nome, em grego, significa mãos, dando origem em língua portuguesa a cirurgia, quiroterapia, quiromancia (Brandão, 1987b).

Conta o mito ser esse centauro filho da ninfa Filira e de Crono, o regente da segunda geração divina. Crono possuiu Filira na forma hierofânica de cavalo. Decorre daí, talvez, a condição de Quíron ter um corpo de cavalo e cabeça, tronco e braços iguais aos dos humanos. Quando ele nasceu, Filira ficou desesperada, pois a forma física do filho a assustava; nesse estado de alma invocou os divinos e implorou morrer ou tornar-se algo que não pudesse sofrer, sendo transformada em uma árvore de Tília, de cujas folhas se preparam deliciosos chás. Abandonado pela mãe, Quíron foi encontrado por Apolo, que o criou como pai adotivo e lhe ensinou todos os seus conhecimentos: música, poesia, ética, filosofia, artes divinatórias e proféticas, terapias curativas e ciência. Tradicionalmente, habitava o Monte Pélion. Ali se casou com Cáriclo, também uma ninfa, que lhe deu três filhas: Melanipe, Endeis e Ocíroe, além de um filho, Caristo. Grande curandeiro, astrólogo e respeitado oráculo, Quíron era tido como o último dos centauros, altamente reverenciado como professor e tutor. Entre seus pupilos estiveram diversos heróis, como Asclépio, Aristeu, Ájax, Enéas, Actéon, Ceneu, Teseu, Aquiles, Jasão, Peleu, Télamon, Héracles, Oileu, Fênix e, em algumas versões do mito, Dioniso (Brandão, 1992, p.355).

Quíron é, inegavelmente, a expressão simbólica do mestre, pois cuida do corpo, do psíquico e do espiritual. Todo o cuidado desenvolvido e coordenado pelo mestre Quíron com seus tutelados tinha como meta torná-los aptos para completarem seus ritos iniciativos de efebria. Entende-se por efebria como o estado, a competência para se tornar participante da vida da pólis (Brandão, 1987a).

Ainda, segundo Brandão (1987b, p.25-26):

“[...] consoante Júlio Pólux, gramático e rétor alexandrino do séc. II p.C., em seu dicionário Onomástico, II, 4, Hipócrates dividia a vida humana em oito períodos de sete anos. A educação clássica e sobretudo a da época helenística, a partir do séc. IV a.C., ocupava as três primeiras etapas. A primeira fase, denominada paidíon, ‘idade infantil’, ia de 1 a 7 anos, e a ‘educação’ era ministrada em casa; a segunda, païs, o ‘menino’, de 7 a 14 anos, era a idade em que a criança, quer dizer, o menino, ‘o sexo masculino’, escapava à vigilância materna e iniciava seu período escolar propriamente dito. A etapa seguinte, chamada meirákion, ‘adolescente’, de 14 a 21 anos, o período da efebia, era coroado, de certa forma, por um estágio de formação cívica e militar. [...] Este quadro, em que se estampa resumidamente o essencial da educação ministrada aos jovens de Atenas, é necessário para que se compreenda a educação mítica dos heróis, que, em linhas gerais, é uma transposição daquela”.

Havia, na Grécia antiga, um sistema utilizado para cuidar da educação dos jovens. A ideia era fazer com que o Estado se responsabilizasse e treinasse os jovens na transição para a idade adulta, capacitando-os para participarem do conselho dos cidadãos, ou tornando-os exímios atletas representantes de seus reinos nos jogos e lutas, ou preparando-os para assumirem suas funções de regentes para seus povos ou mesmo para o exercício de atividades.

O mito preconiza uma conduta similar, pois a educação se dava pela presença de tutores especiais, sendo Quíron o mais famoso e competente entre eles. As cidades sentiam-se profundamente orgulhosas quando seus representantes conquistavam a coroa de louros nos jogos fúnebres, realizados em honra a um morto famoso. Ser competente também para o exercício de atividades especiais, como as de cura (Asclépio) ou da música (Orfeu), demandava a presença de um mestre.

Segundo Jaeger (2010, p.351), falando sobre a educação grega, “para Protágoras só a educação política é verdadeiramente universal. Esta concepção da essência da educação ‘universal’ dá-nos a síntese do desenvolvimento histórico da educação grega. Esta educação ética e política é um traço fundamental da essência da verdadeira Paideia”.

Nossos atuais pedagogos, técnicos e pais, realizam a versão desses instrutores ou mentores. O técnico, principalmente, tem um papel fundamental na vida e na formação do atleta. Ele será, muitas vezes, a figura que direcionará o atleta, facilitando seu trajeto e mostrando atalhos que podem ser seguidos.

Quíron, grande centauro, feriu-se quando da visita de Héracles à caverna do centauro Folo, no Monte Pélion, Tessália. Os três amigos encontraram-se nessa visita, logo após o herói ter cumprido sua quarta tarefa, quando derrotou o Javali de Erimanto. Enquanto faziam a refeição, Héracles pediu vinho, para acompanhar o repasto. Folo, que comia sua comida crua, estranhou. Todavia, anteriormente, ele recebera do deus Dioniso uma jarra de vinho sagrado, que deveria ser conservada até chegar a hora certa de ser aberta. Diante do pedido de Héracles, Folo, constrangido, ofereceu-lhe o vinho santo. O herói abriu o tonel, deixando seus vapores e aromas saírem do vasilhame, o que atraiu os centauros selvagens, liderados por Nesso. Ocorre uma invasão de centauros, a violência emerge, a luta acontece. Héracles dispara suas flechas envenenadas. Uma delas, após trespassar o centauro invasor, atinge Quíron na coxa (Brandão, 1992, p. 355). Tendo se ferido com a flecha embebida no veneno mortífero da Hidra de Lerna, Quíron passou a sofrer de dor insuportável e, por ser imortal, esta jamais estancaria.

Quíron passou a ser visto simbolicamente como a melhor expressão de “o curador ferido”, condição arquetípica daquele que cura e por ser portador de ferida, de dor da alma, precisa do outro para ser curado, seja por carregar a ferida de ter sido abandonado pela mãe, seja por constar em seu mito ter sido alvejado inadvertidamente pela flecha de Héracles, com o veneno da Hidra de Lerna. Tal veneno era mortífero, mas como Quíron era imortal sofreu de ferida incurável, que dói por toda a eternidade. A insuportabilidade da dor, que dói para todo o sempre, fez Quíron desejar morrer e, para tanto, tornar-se mortal.

A nobreza de Quíron reflete-se na história de sua morte, pois sacrifica sua vida, trocando sua imortalidade pela mortalidade de Prometeu, criando, assim, condições para que a humanidade incorporasse o uso do fogo, símbolo da consciência.

O momento mítico que retrata esse encontro, povoado de profundas transformações, ocorre na região do Cáucaso, quando do encontro de três grandes personagens míticos: Prometeu, Héracles e Quíron. O primeiro se encontrava

acorrentado pelos grilhões forjados por Hefesto, por ordem de Zeus. É filho do titã Jápeto e de Clímene, filha de Oceano (Brandão, 1991, p.328).

Prometeu é o que sabe antes, ou o que pensa antes de fazer. Fora acorrentado por ofender o divino Zeus, seja porque instruíra suas criaturas humanas presenteando-as com a competência para ludibriar os divinos, seja porque lhes conferira conhecimento para produzir o fogo e inventividade para criar proteções ao corpo, ou abrigo às intempéries, ou local para dormir, ou barco para navegar, seja porque se recusou peremptoriamente a revelar segredos sobre um futuro provável de Zeus. Injuriado com os descomedimentos do titã, Zeus o castigou com o aprisionamento, assim conta o mito (Brandão, 1991, p.328). Condenado aos grilhões manter-se-ia atado aos rochedos, preso por correntes inquebrantáveis e deveria assim permanecer por 30 mil anos, tendo seu fígado devorado durante o dia, por uma águia enviada por Zeus. À noite, enquanto repousasse protegido pelo sono, seu fígado se regeneraria.

No texto de Ésquilo (1999b), Io, a ninfa, grávida de Zeus, perseguida por Hera, foge desesperada dos moscardos, que a atacavam, enviados pela deusa, e chega até Prometeu. Condoída com o sofrimento do titã, pergunta o que pode fazer para ajudá-lo. A resposta é um grande enigma para ser compreendido simbolicamente. Prometeu responde que ela já o ajudara, pois aquele que dela nascesse, na 13ª geração, seria o seu libertador.

De outra parte, Héracles está a caminho de cumprir sua 11ª ou 12ª tarefa: encontrar o Jardim das Hespérides, onde estariam as maçãs de ouro para levá-las para Euristeu, o que representaria o término de seu castigo. Os pomos de ouro do jardim das Hespérides são frutos da imortalidade. Trata-se de um meio de conhecimento unificador, fruto da árvore do bem e do mal. (Chevalier e Gheerbrant, 1996, p.572).

O herói precisa, todavia, da ajuda de Prometeu para encontrar o caminho que o levaria a seu destino. Ao encontrar o titã agrilhado, identifica-se com o sofrimento do outro, expressão de sua misericórdia. Na mítica, o herói é filho de Zeus e Alcmena, descendente de Perseu e corresponde à 13ª geração dos que nasceram de Io, representando o libertador de Prometeu (Ésquilo, 1999b).

Héracles chega ao Cáucaso, mata a águia que devorava o fígado de Prometeu, convence Quíron a morrer no lugar do titã, com a condição deste reconciliar-se com

Zeus, que havia se comprometido a libertar Prometeu, desde que o segredo de seu casamento fatídico fosse revelado.

Coube a Héracles fazer um acordo com Zeus, para Quíron poder trocar sua imortalidade com o titã (concedendo-lhe a condição de imortal) e, assim, libertar-se do agrilhoamento. Zeus assim determinara. Quíron, por sua vez, livra-se de seu sofrimento e pode morrer tranquilamente. Após sua morte, Zeus o homenageia, transformando-o na constelação de Sagitário (Brandão, 1992, p.355).

Para que Prometeu fosse libertado e seu processo se cumprisse era necessário: que o libertador de seu corpo físico, Héracles, surgisse para matar a águia e arrancá-lo das correntes; que o libertador de seu espírito, Quíron, surgisse e estivesse disposto a morrer em seu lugar, conferindo-lhe a condição de imortal; que ele próprio se submetesse, por escolha, ao poder supremo de Zeus, aceitando usar o anel feito do metal das correntes, acrescido da pedra extraída de montanha do Cáucaso; e que revelasse a Zeus o que lhe estaria reservado se consumasse seu casamento com a nereida Tétis (Brandão, 1991, p.256).

Quíron é o curador ferido, o que significa o que conhece a dor para saber a dor do/no outro. Ser curador ferido implica tornar-se mortal, finito. A morte e a finitude, condições inerentes da humanização, viabilizam suportar a dor, pois ela termina. Sentir dor por toda a eternidade é insuportável, haja vista a condição de Hades, também ferido pela flecha envenenada de Héracles, buscar, incontinente, Apolo no sentido de obter do deus da Medicina a cura de seu ferimento. Quíron não o fez; manteve-se com a dor e aceitou tornar-se mortal. Por quê? Talvez o mito retrate que a condição de ser um curador esteja indelevelmente ligada à mortalidade e ao sofrer a dor. A ferida do curador doerá enquanto durar o seu *mister*. Ferida de alma não desaparece: curar implica maturar, transformar-se em algo diferente de sua natureza primeira. As feridas permanecem como cicatrizes, marcas simbólicas e literais da identidade de todos nós.

Parece haver por parte da juventude certa prepotência em relação à mortalidade, como se a mesma não fizesse parte de suas existências. Talvez no atleta essa condição se torne mais exacerbada, já que com frequência muito grande ele é posto no pedestal dos que conseguem feitos inimagináveis para o cidadão comum. Essa visão de que somos eternos, embora em nível inconsciente, pode gerar uma arrogância não apenas no sentido esportivo, como também em relacionamentos fora

desse contexto. Voltar para Gaia, colocar os pés no chão ou pisar na terra pode ser transformador para quem se julga acima dos demais.

A mortalidade nos faz mover em um sentido positivo, na busca contínua e constante de feitos. Ela nos leva a desejar a realização de feitos que transcendam nosso morrer. Se fôssemos eternos, possivelmente não teríamos estímulos para essa demanda. Ficaríamos à mercê do tempo na monotonia da espera pelo próximo dia. Quíron nos mostra a importância de saber estar pronto para morrer e até desejar a morte simbólica. Ao morrer simbolicamente podemos renascer. E muitas são as coisas que precisamos deixar para trás, em nossas vidas.

O mito de Quíron é lido pela Psicologia Analítica como a expressão de uma realidade primordial, de caráter arquetípico, traduzindo a condição de que o curador cura a dor e as feridas do outro, mas não as suas próprias, caso não aceite “morrer” para valores e pressupostos que precisam ser transcendidos.

“O detalhe trágico, no entanto, é que a ferida de Quíron era incurável. De modo que o mundo de Quíron, com suas inesgotáveis possibilidades de cura, era também um mundo de doença eterna” (Groesbeck, 1983, p.75).

Saber lidar, concomitantemente, com nossa polaridade saudável e não saudável é difícil. A doença pode ser entendida, simbolicamente, como algo a ser corrigido, eliminado ou substituído. Se feito nesse sentido pode ser benéfico, pois muito pode ensinar. A doença tem um potencial que pode levar à morte, mas pode trazer, também, ensinamento, caso represente uma transformação. Curar significa maturar, amadurecer, tornar-se adequado para o momento. Curar, no sentido de “doença”, implica transformar-se por conta das dores e sintomas que nos atingem. Neste ponto, podemos entender a “doença” como um fenômeno criativo. Dethlefsen & Dahlke (1983) nos falam sobre essa condição no livro *A doença como caminho*. Atentar-se a estes aspectos é fundamental para o técnico que deseja ser vencedor.

Conta-se que Quíron foi levado aos céus, transformado por Zeus na constelação do Sagitário (flecha, em latim, *sagitta*), que é vista como um centauro atirando uma flecha, estabelecendo a síntese dinâmica do homem, que voa pelo conhecimento para sua transformação de ser animal em outro, espiritual (Brandão 1986, p.90), o que lembra José Ingenieros (médico, filósofo e sociólogo ítalo-argentino): “ser homem é ter os pés plantados no chão e a cabeça voltada para o céu”.

“Vários foram os mestres dos heróis, como Lino, Eumolpo, Fênix, Forbas ou Cônidas, mas o educador-modelo foi o pacífico Quíron, o mais justo dos centauros, na expressão de Homero (1962b, XI, p.832). Muitos heróis passaram por suas sábias mãos, na célebre gruta em que residia no monte Pélion: Peleu, Aquiles, Asclépio, Jasão, Actéon, Nestor, Céfalos... lista que é enriquecida por Xenofonte, em sua obra *Cinegética*, 1,21 (Tratado sobre a Caça) com mais catorze nomes! Quíron era antes de tudo um médico famoso, donde sua arte primeira era a látrica, mas seu saber enciclopédico, como aparece nos monumentos figurados e literários, fazia do educador de Aquiles um mestre na arte das disputas atléticas, Agonística, e talvez praticasse e ensinasse ainda a arte divinatória, Mântica. Não para aí, todavia, a versatilidade de Quíron: ministrava igualmente a seus discípulos conhecimentos relativos à caça, Cinegética; à equitação, Hípica, bem como lhes ensinava a tanger a lira e o arremesso do dardo... Mais que tudo, no entanto, o fato de ser Quíron um médico ferido, um xamã, e residir numa gruta evoca, de pronto, sua função mais nobre e indispensável aos jovens "históricos", mas, sobretudo, aos heróis míticos, a saber, a ação de fazê-los passar por ritos iniciáticos, que outorgavam aos primeiros o direito à participação na vida política, social e religiosa da pólis e aos segundos a imprescindível indumentária espiritual" (Brandão 1987b, p.26-27).

Quando Quíron se mostra na figura do médico, um de seus papéis é tentar curar, ou ao menos, aliviar o sofrimento. A figura do médico deveria ser a de uma pessoa que está sempre pronta para ajudar, tentando aliviar a dor do outro nos momentos mais críticos. Desgastante, cansativo, porém muito gratificante, quando se consegue a interação restauradora, aliviando ou curando (transformando) a dor mental ou física. Por que a figura de um centauro médico ferido, como mestre de inúmeros heróis? Talvez parte da resposta decorra do fato do mestre ter experimentado com suas vivências, aprendido com o sofrimento do outro, transformando-se a si próprio em função das interações. Desta forma, talvez, possa ajudar o “discípulo” a tornar-se mestre. Colocar-se no lugar do outro, ouvir as histórias, relatos, fazem parte do dia a dia do mestre. Conhecimento e empatia, com todas essas experiências podem ajudar o “discípulo” na descoberta do caminho. O percurso da aquisição da sabedoria é longo: o mestre é aquele que o torna possível. Mais que isso, a fusão do homem com o cavalo alia a força e a potência equinas com a sabedoria e a inteligência que o homem pode alcançar.

O mito de Quíron prega ensinamentos na área médica e da música, na dotação dos atributos físicos, atléticos, no curar com plantas, no aprendizado da luta, no teatro etc. Mostra, assim, que o caminho a ser seguido implica a necessidade de se ter uma formação ampla, diversificada e perfeitamente direcionada para se chegar ao topo e ser um vencedor. Este aspecto é muito importante: é fundamental se ter uma visão mais geral para que se possa conhecer com maior propriedade o específico. Ao técnico compete ocupar-se de ter uma formação ampla.

Na entrevista com Bebeto de Freitas, ex-jogador olímpico de voleibol e ex-técnico da seleção brasileira masculina de voleibol, medalha de prata em Los Angeles (1984), além de inúmeros outros títulos, quando de sua ida para os EUA ainda como jogador e estudante, encontramos o seguinte comentário:

“Sabia. Eu fui porque era oportunidade que eu tinha de conviver com o esporte de alto nível. Não o voleibol, pois o voleibol dos Estados Unidos naquela época era um voleibol do nível do nosso, do ponto de vista técnico, mas o importante foi a possibilidade dos estudos; eu fiz vários cursos ligados a fisiologia, à administração esportiva. Enfim, eu passei lá cinco anos que foram muito importantes para mim.”

Na fala de Bebeto podemos vislumbrar aspectos da mítica do herói, traduzida na condição de precisar sair de sua terra natal, deixar pai e mãe, o conforto do “conhecido” para buscar aprendizado, sementes novas, técnicas outras, vivências, em terras distantes, para, ao retornar, concorrer para o crescimento do coletivo. Muito se descobre nessa jornada. Esse “exílio” traz, certamente, um aprendizado que pode ser compartilhado e usado em prol do coletivo, junto à “tribo” de origem.

A par disso, Bebeto vislumbrou o futuro e partiu em busca de seus anseios e sonhos. À imagem e semelhança de um Quíron, foi em direção das dotações, das informações, dos conhecimentos que forjam, em seu conjunto, um mestre. O tutor para assim se tornar precisa antes ter sido um aprendiz. Em seu retorno, Bebeto passou a se exercer como um “Quíron” quando, já técnico da seleção brasileira de voleibol, conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 1984. Mais que isso, ele iniciou um caminho no voleibol, deixando um legado para as gerações subsequentes. Não é por acaso que o Brasil tem-se mantido em tão alto nível nessa modalidade esportiva, conseguindo impressionantes resultados nas duas últimas décadas.

O mestre (Bebeto), os heróis (os jogadores) e seu povo (todos os brasileiros) se orgulharam com a primeira medalha olímpica de vôlei e se souberam transformados após essa troca e compartilhamento de ideias, lutas, dores e vivências.

Muitos treinadores foram jogadores e atletas. Nossos três entrevistados foram previamente atletas e buscaram informação e formação para se tornarem técnicos e mentores, tendo passado por vivências e situações complexas de aprendizados que contribuem para suportar os desafios que enfrentam no papel de mestres.

Bebeto fala sobre a importância do trabalho em equipe e do deixar-se ajudar:

“Que você não faz nada sozinho. Eu acho que o esporte é justamente a simbiose do que se fala na teoria. Aquele que se acha, aquele que acha que é o único, dura muito pouco. E você mesmo no esporte individual, você não ganha sozinho. Você precisa do treinador, precisa do preparador físico, precisa do nutricionista, precisa do fisiologista, precisa, enfim, precisa da piscina, da raquete, precisa do desenvolvimento do tênis, precisa do desenvolvimento da bola. O esporte te ensina isso, te ensina o apego e a democracia acima de tudo. Se alguém quiser me perguntar o que é a democracia eu não saberia lhe dizer do ponto de vista político, mas saberia te dizer que a democracia é você depender e ter necessidade de conviver com as pessoas, e de realizar os seus projetos e saber que você sozinho, por mais dedicado e melhor que você seja, você não vai conseguir nunca fazer.”

A condição do “atleta se achar”, como diz Bebeto, pode ser amplificada com o mito de Faetonte, que nos ensina muito sobre isso e também sobre a falta de limite, que emerge quando o técnico não atua como censor, e configura uma porta aberta para descomedimentos que levam a derrotas com finais trágicos.

Faetonte é filho de Hélios e Clímene; foi educado pela mãe, em total desconhecimento de quem era seu pai. Quando jovem foi em busca deste, após saber tratar-se do deus Hélios e, após encontrá-lo, perguntou-lhe se ele era realmente seu pai!

Hélios disse que sim. E, talvez para reparar sua longa ausência, falou-lhe que poderia fazer qualquer pedido, que esse lhe seria concedido. O filho pediu ao pai, para reger por um dia, a carruagem do Sol (Brandão 1987b, p.223).

Muito preocupado com o pedido, Hélios tentou persuadir o jovem da impropriedade da solicitação, mas acabou por ceder. O divino sabia que o pedido estava acima das condições do filho e que algo de ruim iria acontecer, mas não podia voltar atrás. Na

mítica, quando um pedido é concedido ou uma dotação é cedida, nem o divino que a concede nem qualquer outro pode retirar, negar. Pode, sim, ceder outra dotação que gere conflito com o primeiro. Hélio começa a dar-lhe instruções para conseguir realizar seu desejo sem causar estragos: “Não corras rasteiro à terra, nem levantes voo até o céu. Caso contrário, incendiarás o planeta ou abrasarás o céu. Voa no meio e correrás seguro!” (Brandão, 1987b, p.225).

Faetonte não segue as recomendações paternas e se perde totalmente na condução e no manejo do carro do Sol.

“Faetonte primeiro o levou a tal altura sobre a Terra que todo mundo começou a tremer de frio, e depois para tão perto da Terra que queimou os campos. Zeus, num acesso de fúria, fulminou-o, e ele caiu no rio Pó. Suas irmãs, angustiadas, foram transformadas em álamos brancos, que choram lágrimas de âmbar nas margens do rio. Conta-se, também, que elas teriam sido transformadas em amieiros” (Graves, 2008, p.186).

Foi dado a Faetonte, por um dia, mais poder do que ele estava apto a ter. “O pedido de Faetonte configura o excesso de vaidade, cuja vítima, bem mais cedo do que esperava, foi ele próprio” (Brandão, 1987b, p.229). Procurava não encontrar sua real origem quando foi em busca do pai. Estava mais preocupado em se vangloriar para as irmãs e amigos, gabando-se de alguma forma de sua gênese. Passou a “se achar” e pediu para executar uma façanha para a qual não tinha competência.

De outra parte, Beбето fala da necessidade do amplo preparo e do precisar desenvolver muitas habilidades. No esporte, percebemos que, com frequência, jovens são lançados sem estarem ainda preparados para a tarefa. Ainda imaturos e, principalmente, despreparados em sua condição emocional, são colocados em tarefas onde o corpo pode até responder, mas a mente, não. Quando isso acontece o resultado acaba sendo o fracasso. A reversão do processo é difícil, lenta e, muitas vezes, impossível, se ele não estiver preparado para arcar com o ônus da própria *hybris*. Daí a necessidade do aprontar-se adequadamente para a “batalha”.

Estar preparado para cumprir a tarefa faz parte do período de instrução do herói e, como propomos, do atleta, também. Não significa, necessariamente, alcançar a vitória, mas, sim, estar apto para suportar a derrota, caso ela aconteça. E, mais do que isso, aprender com ela, aproveitando seus ensinamentos.

O problema não é o poder, mas o seu uso inadequado, pois essa inadequação pode levar a processos irreversíveis e até à morte. Faetonte foi derrotado pela arrogância, incompetência e inflação da psique: o preço pago foi sua própria vida.

Bebeto fala como alguém que aprendeu fazendo, sentindo, sofrendo com a rotina diária e constata a realidade mais evidente que nos caracteriza como seres sociais, ou seja, seres que interagem e dependem uns dos outros de forma recíproca. Isso mostra a necessidade do compartilhar e do aprender com o outro. Quíron oferecia aos discípulos ferramentas para realizar o caminho, não para encurtá-lo, nem mesmo para amenizá-lo, mas para conseguir suportar o desafio de fazê-lo. E a concretização dessa tarefa – realizar o caminho – implica estar com o outro.

Bebeto também compartilha dessa visão, mostrando a importância das condutas de interação, inter-relação e interdependência que permeiam as relações humanas.

Chegar ao topo é muito difícil, mas manter-se lá é mais complicado. O atleta de alto rendimento lida com situações limites onde o detalhe pode levar ao triunfo ou não. Simbolicamente, o herói mítico também lida e passa por estas vivências. Precisamos sempre do herói interior para suportar esses desafios.

Segundo Gusdorf (2003, p.24), “a experiência do professor, adquirida através da prática e da sagacidade é, na verdade, esse dom de discernimento dos espíritos que, ao pressentir as possibilidades de cada um, propõe-lhes fins ao seu alcance, assim como os meios de alcançá-los, através da utilização das suas capacidades”.

Bebeto acrescenta, em suas falas, outros dados sobre a condição necessária, imprescindível, de centralizar-se na meta principal, atentando sempre para a demanda interior e a sabedoria de onde se quer chegar:

“Você só tem um jeito de trabalhar. Se você tiver alguma outra, algum outro tipo de foco você já não faz bem o que você tem que fazer. Eu aprendi muito cedo, de ser muito disciplinado e muito focado nas coisas que eu faço. Eu sempre consegui assim tipo, ‘me internar’, de me enfiar com a cabeça nas coisas, como que eu me propus a fazer. E você vai aprendendo, vai apanhando, vai melhorando e a dedicação sempre foi exclusiva, de muitas horas por dia de tudo que eu fiz. E a única forma de você conseguir alguma coisa é você se dedicar, procurar aprender, observar muito, que foi o que eu fiz.”

Quando Ulisses chegou finalmente em Ítaca, após quase vinte anos de ausência, carregava em si, como estrutura da personalidade, a sabedoria dos anos de reclusão forçada, seja na companhia de Circe ou, mais tarde, na ilha de Calipso,

bem como a tenacidade férrea de quem fora tentado pela sedução dos prazeres, da riqueza, do poder. Quando liberado pela deusa, com paciência construiu seu próprio barco e partiu. Foi açodado por Posídon, naufragou, quase morreu. Salvo por Leucoteia, chegou desmemoriado na ilha de Corcira, reino de Alcínoo e Aréte. Nausícaa, a filha do rei, por ele se apaixonou e Ulisses se sentiu seduzido em ficar, usufruindo de todas as benesses. Mas sua meta era Ítaca, seu próprio reino, sua amada Penélope, seu filho Telêmaco, que não viu crescer, seu povo. Ao chegar em Ítaca enfrentou a suspeita e a desconfiança de seu filho, foi injuriado, castigado pelos pretendentes da mão de Penélope, na verdade abusadores e usurpadores de bens alheios. Ulisses suportou com paciência e sabedoria de quem tem disciplina e se encontra profundamente centrado em seus propósitos (Homero, 1962a).

Bernardinho foi o segundo técnico a ser entrevistado. Em uma de suas falas diz:

“Para mim interessa a questão da literatura, ligado àquilo que é a minha área do Esporte, da liderança, da gestão, dos exemplos esportivos... O meu foco de estudo é um pouco a questão dos grandes ídolos, dos grandes nomes do esporte ou de outras áreas. O que eles fizeram que foi tão importante, que pode de alguma forma me ensinar.”

Ele conta da importância de se manter em contínua condição de renovação, reciclagem, tentando encontrar seu estilo, seu jeito próprio de conduzir. Uma de suas motivações se traduz pelos referenciais que encontra nas biografias de grandes seres humanos, uma vez que muito pode se aprender com elas. E, certamente, nesses livros os feitos heroicos de muitos homens estarão presentes.

Bernardinho discorre sobre os inúmeros Jogos Olímpicos dos quais participou, colocando o quanto essas vivências se traduziram como verdadeiro laboratório de experiências em sua vida, concorrendo para associações ideativas brotarem em seu psiquismo. A par de mostrar respeito pelo que o acervo de sua herança cultural representa, destaca a importância da interação afetiva vivida:

“As experiências olímpicas servem como referência de muita coisa [...] se eu tenho uma ideia, ela é fruto das experiências passadas [...] mais do que vitórias e derrotas, são essas experiências. Eu me lembro das Vilas Olímpicas, da convivência, da pressão, tudo isso então são memórias inesquecíveis. É o que mais fica.”

Sobre a necessidade de se alcançar a excelência no voleibol, o técnico Bernardinho revela-se pleno de entusiasmo.

“Queremos ser uma equipe consistente. Queremos ser fortes como as cubanas, bloquear como as russas, taticamente sermos tão inteligentes e eficazes como as americanas e defender como as asiáticas.”

A fala do treinador reflete a expectativa de que cada um carregue e explicita muitos e diferentes heróis ao mesmo tempo em si mesmo, cada qual com uma competência, conferindo a cada jogador a excelência da força, da técnica alicerçada na arte, da inteligência perspicaz que produz eficiência e da antevisão do futuro para bloquear os ataques. Incorporar as melhores qualidades de cada equipe e tentar aperfeiçoá-las imprimindo uma marca própria traduz, certamente, a qualidade e a competência do técnico com qualidade de mestre, pois reconhece a competência do outro como reconhece e confia no discípulo para torná-lo um excelente, ou seja, um possuído pela *Areté*.

Além do entusiasmo para promover a emergência do que cada um de seus atletas pode ter, o mestre Bernardinho mostra a prudência dos sábios quando se refere à atenção necessária diante do ufanismo da vitória:

“Eu tenho para mim que essa atenção que você tem que ter após um sucesso anterior é redobrada. Ganhou hoje, se prepara ainda mais, pois eles vão se preparar mais, eles vão estar feridos de alguma forma, vão estar focados e a gente não pode perder esta atenção e esse foco, e a gente vai cair nessa armadilha que eu chamo armadilha do sucesso.”

O grande risco que o técnico aponta, inegavelmente, é o da inflação da psique. Após a vitória o grupo fica algo “possuído” pelo entusiasmo dionisiaco e cada qual, de per si, pode “se sentir”. Como a própria palavra diz: entusiasmo, ou seja, *em + theos + asmos*, ser portador do divino ou carregar o deus em si (Machado, 1987, p.413).

Bernardinho fala da necessidade do treinador ser criativo, perspicaz, ter ideias, desejar chegar lá.

“Tudo depende do que você realmente quer e você trabalhar para você desenvolver sua capacidade. Acho que você se torna bom a partir daí.”

A questão do desejo, simbolicamente, movimenta o mundo. Dessa forma, é extremamente importante, saber aquilo que se almeja, atentar para a demanda maior que impele cada um na busca do seu objetivo. Mas, mais que isso, o desejo de se chegar aos propósitos últimos é o alicerce da busca do próprio sentido de tudo quanto se vive e experimenta. Essa demanda que movimenta e impulsiona a

humanidade, como um todo, e a cada um, especificamente, faz a diferença na conquista do resultado.

Essa, como expressão da busca do sentido da própria vida, implica buscar o que cada um tem de melhor em si mesmo, o inédito, a imparidade, o que qualifica cada um como seres únicos, condições que podem, ou não, estar agregadas à vitória.

Falando do atleta grego e das demandas que o mobilizava, Rubio (2006b) relata:

“Na Antiguidade, o atleta competia, porém, sua busca pela vitória não estava fundamentada na derrota do adversário e sim na superação dos próprios limites, ou seja, ao alcançar o seu máximo na competição havia a experimentação de uma condição divina, a afirmação da permanência. A vitória sobre o adversário era uma decorrência desse processo. Para a sociedade grega helênica os vitoriosos seriam todos aqueles que superassem seus limites, físicos e morais.”

A superação dos limites, sejam físicos, sejam morais, está intimamente ligada a desafios autoimpostos, sobre os quais o indivíduo não tem consciência plena de se fazer ou de se direcionar por tais pressupostos. O mito ilustra melhor e concorre para traduzir o fenômeno.

A fala de Bernardinho é bem a tradução dessa realidade psicológica:

“É a motivação da necessidade. Eu preciso, eu quero. Você paga qualquer preço para chegar lá.”

Assim, no mito de Perseu, o herói mais agraciado com as benesses divinas, filho de Zeus e Dânae, encontrava-se na ilha de Sérifo, vivendo em meio a grande pobreza material, quando foi convidado, juntamente com sua mãe, para o jantar comemorativo do aniversário do rei Dicteis. Todos os participantes levaram presentes espetaculares. Perseu não levou nada. O rei, então, questionou-o sobre qual presente havia trazido. O jovem, nesse momento, certamente tomado pela arrogância própria da juventude desafiada e humilhada, respondeu: “se tivesse que lhe dar um presente, traria a cabeça de Medusa!”. O rei, simbolicamente exercendo o papel mobilizador para que a emergência do herói se fizesse, retrucou: pois vá e traga-me a cabeça de Medusa! Perseu deixou o recinto do palácio real, sentou-se em uma pedra e chorou.

A leitura simbólica desse momento mítico muito nos ensina. Descreve a condição da emergência heroica mobilizada pelo desafio e a presença de um rei mítico que

representa a sabedoria do próprio sistema reclamante de transformações. O herói latente precisa do desafio para despertar, como precisa de algo insólito ou de alguém que o faça acordar. Estando desafiado, o herói promete fazer coisas consideradas impossíveis, como prometeu Perseu: trazer a cabeça de Medusa. Ao deixar o palácio, sentar-se na pedra e chorar, retrata aquele momento, com o qual cada um de nós viveu algum dia: “Meu deus! Onde estava eu com a cabeça para prometer esse desatino!” Entre o herói falando em cada um e o Eu refletindo sobre as promessas, reside a condição da excelência, que nos faz buscar a realização do que temos de melhor. E Perseu, protegido por Atená, a mentora dos heróis, recebe o escudo da deusa, e muitos outros presentes-atributos-benesses divinas, partindo na grande aventura para realizar o seu processo, como coloca Rubio (2006b) sobre a superação de limites.

“Os limites que se superam são sempre os limites da consciência, do Eu. O herói, para a Psicologia Analítica é uma instância primordial, arquetípica, do reino do inconsciente e que, funcionando como complexo ativado,⁵ mobiliza o indivíduo para façanhas fantásticas” (Alvarenga, comunicação pessoal).

Perseu é um herói vitorioso, complexo e completo. Conseguiu a cabeça de Medusa, libertou Pégaso e dele se serviu para realizar suas outras tarefas e buscas.

Compete ao técnico (exercendo-se como o rei mítico do episódio anterior) criar, mobilizar ou desencadear esse desafio no atleta, bem como mostrar a necessidade do sentido para tudo quanto está sendo feito.

Bernardinho tem consciência de seu papel de mentor, cuidador e também de que sabe exercer sua função com competência e senso de justiça. Certamente, recebeu as dotações de Zeus, Diké e Aidós, enviadas pelas mãos de Hermes.

Suas palavras parecem endossar essas realidades:

“O esporte é o espaço mais meritocrático que existe. Você vive do seu desempenho... O senso de justiça é a única coisa que te traz alguma serenidade.”

De outra parte, fala da dificuldade de cortar atletas em suas equipes, mas, por saber ser algo que precisa ser feito, compreende também a necessidade de tomar a decisão e de seguir em frente. Irá desagradar a alguns, talvez a muitos, porém coloca o grupo como prioridade, no sentido de se chegar ao objetivo.

⁵ Para Pieri (2002, p.101), complexo, na expressão de Jung, é qualificado como de tonalidade afetiva e indica uma estrutura psíquica mínima dotada de forte carga afetiva, que liga entre si representações, pensamentos e lembranças. Para Whitmont (1990), a palavra complexo denota o elemento estrutural básico da psique objetiva; o elemento central do complexo é o Arquétipo.

Alvarenga (2005) argumenta que realizar o que é necessário e não o que o coletivo espera que se faça, é uma tarefa hercúlea. São essas realizações que qualificam os seres humanos com as características que lhe conferem a imparidade, que os tornam únicos.

Outro assunto tratado por Bernardinho, diz respeito aos riscos de lesão física e à condição de se trabalhar (jogar) sob pressão. O esporte de alto rendimento lida com situações limites a todo o momento. A chance de ocorrência de lesões, ou problemas, é muito grande, mas se o atleta não se arriscar e não fizer as coisas diferentes, poucas serão suas chances de vitória. A distância entre os que estão no topo é muito pequena e a competitividade entre esses “olímpicos” é muito alta. As falas de mestre Bernardinho são muito elucidativas:

“Muitas vezes o limiar entre o máximo da sua capacidade e uma lesão é muito tênue. A gente tá monitorando o tempo todo tentando evitar. [...] Quando você quer dar um salto de qualidade, você corre riscos muitas vezes. [...] É uma característica do campeão: dar o seu melhor quando o seu melhor é necessário. [...] Alguns jogadores, em especial, realmente tinham atuações especiais. Sob maior pressão é quando eles tinham grandes atuações. Isso é uma coisa, chego a rir, pois chega a me emocionar. Sabe! Como é que esse cara consegue? [...] A qualidade ou a característica do grande campeão, a principal qualidade é a coragem, isso não significa a ausência do medo. Todos nós temos nossos medos, nossos fantasmas; é saber lidar com eles, é assumir na hora, você tem que fazer a coisa.”

Os conceitos de Bernardinho reclamam por outras considerações, pois se referem à essência do campeão, ou seja, àquela competência ímpar para render o seu melhor no momento necessário, o instante em que o chamado surge e reclama ou exige a ação do iluminado. Pode-se dizer que este é o estado ótimo de ativação ou *flow*. Jackson (2000) expressa que o *flow* é um estado onde o corpo e a mente estão em harmonia, desaparecendo pensamentos negativos e dúvidas. É um degrau difícil de ser atingido, porém, quando ocorre o esportista experimenta um estágio psicológico ótimo onde possivelmente conseguirá render o máximo que pode. É desse estado que Bernardinho fala em relação aos campeões.

Depois do entusiasmo de quem se sabe vencedor e concorreu para criar mais vencedores, Bernardinho transparece a convicção humilde de quem teve cumprido

seu papel e realizou a tarefa, de quem galgou o caminho da forja do herói e se transformou em mestre:

“Sucesso tem a ver com a paz de espírito que você tem, proveniente da consciência que você fez o seu melhor. Você trabalhou o melhor possível, você fez o esforço máximo para conseguir aquilo. [...] O que faz ganhar ou perder por dois pontos muitas vezes é o sentimento do merecimento. ‘Meu, eu fiz tudo, por isso eu mereço.’ Você vai à luta buscar esses dois pontos. Se você sente alguma coisa de arrependimento, ‘ah, se eu tivesse treinado...’, os dois pontos já foram e o cara já te finalizou. [...] Eu tomei essa coisa de não ficar me lamentando. Você assumir a sua parte e cobrar que os outros façam a sua parte.”

O comentário mostra também o quão importante é se preparar para realizar a tarefa. O caminho a ser percorrido, para quem faz mais do que lhe foi pedido, redundando na sensação de merecimento. Estar bem física, técnica e taticamente faz o atleta se sentir em paz consigo e isso concorre para o fortalecimento global do rendimento. De outra parte, quando se faz o necessário, e também mais que isso, se a vitória não ocorre não há como se lamentar pelo que não foi, pois:

“Só não perde quem nunca jogou, quem nunca lutou, quem nunca competiu. [...] A essência é voltar no dia seguinte e fazer melhor. [...] Nós temos que continuar inconformados: ‘tá bom, mas pode melhorar.’”

A vitória gera comoções grupais, do time, dos dirigentes, trazendo questionamentos sobre o desempenho, os esforços, a persistência.

Para Ferrando e Barata (1998), a vitória, por vezes, não é visualizada como uma experiência de sucesso, e uma derrota pode não ser algo vivenciado como um fracasso. A sensação de sucesso ou êxito ocorre quando a *performance* esperada foi atingida ou superada. O fracasso, por sua vez, acontece quando o resultado esperado não foi obtido.

O processo para se chegar à vitória passa, necessariamente, por momentos nos quais a derrota pode acontecer. Saber aprender as lições dessa jornada é o que tornará o caminho menos árduo e, talvez, mais certo.

Podemos aprender também com a sabedoria chinesa e parte dela se encontra no livro *I Ching – O Livro das Mutações*. Ele mostra que para toda pergunta há uma resposta e que isso pode ser feito com ajuda de um oráculo, que, no caso, é um caminho direcionado pelo próprio livro.

Torrieri Guimarães, na edição, descreve que os seres humanos tendem a procurar a mudança por uma dinâmica interior. Acrescenta ainda que “Alfred Adler chama a isso uma qualidade objetiva na ‘alma’ humana que está continuamente ‘tentando delinear, planejar e dirigir seu futuro para a meta de segurança’” (*I Ching*, 1972, p.28).

Igualmente, na introdução e comentários ao texto, aponta: “O *I Ching* é aqui sem igual como oráculo, pois não nos diz que alguma coisa está definitivamente para acontecer. Ele dirige a atenção do inquiridor para alternativas e as prováveis consequências de nossas ações se escolhermos um caminho em lugar de outro” (*I Ching*, 1972, p.32).

O técnico precisa, simbolicamente, ter seus próprios “oráculos” para encontrar alternativas se deparar-se com uma encruzilhada.

Podemos entender a derrota como um acontecimento que pode representar um alerta à própria dinâmica da vida, no sentido de anunciar a necessidade de uma mudança de rota, de caminho. Este movimento gera em seu início um desequilíbrio, já que novas diretrizes deverão ser implantadas e aspectos até então arraigados precisarão ser transformados. Com frequência, surge uma dinâmica melhor.

Outro ex-jogador, depois técnico, Giovane, conta de sua experiência como atleta, quando morou na Itália.

“Lá eu tive que lidar com a responsabilidade. A bola decisiva era para o estrangeiro, então era para mim. Era eu que ganhava mais que o time todo, então eu que tinha que decidir. [...] A gente só aprende, só consegue ter menos dificuldades na hora de decidir, se você experimentar.”

Com tal fala é possível aprender o quão importante é a prática em si, de forma contínua e constante. Mas, mais ainda, que ser colocado e testado em situações difíceis e complexas concorrem para adquirir-se a tranquilidade necessária para realizar o melhor de si no momento vital.

Certamente, a aquisição se estrutura e se sedimenta em personalidades bem dotadas. Para se ter tais conseguimentos é preciso, como Giovane, aceitar o desafio, acreditar em si e batalhar a vitória em todos os treinos, jogos e campeonatos.

O herói de cada um precisa “estar de plantão”, todos os dias. Se assim não for, o que precisa ser feito no momento decisório não se realizará.

Voltamos a atenção à questão da preparação do herói, onde Quíron tem função primordial:

O grande centauro preparava seus heróis para suportarem as provas iniciáticas necessárias para o cumprimento de tarefas pertinentes aos ritos de passagem. Esses representam momentos da vida em que os jovens são confrontados e testados para suportar a dor física, para se deparar com a morte e o morrer, para enfrentar o medo, para ter serenidade ao sofrer humilhações e temperança para não desistir da tarefa empreendida, para ter compaixão com os desvalidos e desesperançados e para suportar a sedução do mundo em seus mais variados aspectos, sem descurar de sua meta primordial. Lembremo-nos, novamente, do exemplo de Ulisses. Muitas são as outras aquisições necessárias para que o trabalho de adquirir prontidão se faça. É sabido, na mítica dos heróis, que quando as provas dos ritos não são cumpridas a contento, configura-se que ele não está pronto e essa condição da falta de prontidão acaba qualificando-o como um herói “manco”. Ser “manco” implica não ter competência para suportar os desafios que a vida imporá. Daí a necessidade de um mestre preparado, levando o atleta a cumprir as etapas necessárias para suportar os desafios futuros.

No mito de Jasão há dados interessantes sobre o não estar pronto. O herói deixou Quíron, apesar da insistência do mestre para que não partisse, pois, segundo o referencial do grande centauro, não estava pronto. Ainda assim, o jovem partiu e em seu caminho, pouco antes de um grande lamaçal, deparou com uma “velhinha” franzina, magérrima, que lhe pediu para levá-la em suas costas, atravessando o lodo. Jasão aceitou a tarefa e adentrou o lamaçal. O peso em seus ombros aumentou terrivelmente, seus pés afundaram e finalmente, exaurido, conseguiu atravessar o vau. Desceu a velhinha de suas costas e a deixou. Mas, para sua surpresa, constatou que perdera uma de suas sandálias. A velhinha, na realidade, era a deusa Hera, testando a competência do herói. Jasão por caminhar com uma só sandália passou a ser conhecido ou citado como o monossândalo, o que significa ter uma perna mais comprida que a outra, aquele que caminha como um manco. Quíron sabia que o herói não estava pronto e o momento mítico retrata essa condição, bem como a tragicidade do final do mito, sua morte inglória, a destruição de Argos, o navio, a destruição do reino, a perda dos filhos e tantos outros sofrimentos (Brandão, 1992, p.16; Eurípides, 1999).

Giovane, como técnico, serve-se do preparo que teve em seu tempo de *dokimasia* e usa essas experiências para melhorar a *performance* da equipe que treina. Entendia-se por *dokimasia* o processo preenchido por provas iniciáticas e que tornariam o jovem apto para a vida adulta (Brandão, 1987b). Ele recebeu as instruções para seu rito de passagem e hoje orienta os que precisam desses ensinamentos.

Giovane tem outra fala interessante, ocorrida em uma conversa com Montanaro (ex-jogador de vôlei e, depois, dirigente) a respeito de um sonho, um objetivo que tinha:

“Monta, eu queria ser o melhor jogador do mundo de vôlei. E eu achei que ele fosse falar que eu tava maluco, que eu tava viajando. E aí ele falou: ‘não, depende só de você, você tem que treinar, se dedicar e você pode conseguir’.”

O herói pode se dar ao luxo de se imputar tarefas “impossíveis”. No fundo, ele sabe que é factível caso contrário não se colocaria nessa situação. Giovane foi eleito o melhor jogador do mundo, em 1993.

Ele explana, também, sobre sua decisão de trocar o vôlei de quadra pelo de praia, formando dupla com Tande, na época:

“Depois que a decisão foi tomada nós fomos até o fim.”

A fala de Giovane reflete certo desconforto com uma decisão tomada sem muita certeza, mas levada até o fim, como diz, mesmo sabendo que talvez não fosse a melhor conduta. Certamente, o importante é refletir antes de se decidir, para depois não mudar a trajetória em momentos questionáveis. Provavelmente isso tenha ocorrido, conforme podemos depreender de sua afirmação seguinte, sobre o retorno à seleção brasileira de quadra, em 2000, após período na praia, e toda sua problemática:

“Foi uma coisa imposta, então nós voltamos à seleção brasileira e foi de novo um momento de aprendizado muito grande, ou seja, não adianta você... Você tem que conquistar as coisas, a todo instante. O teu passado tem alguns momentos, não adianta para você vencer no presente.”

O retorno se deu após decidir-se por encerrar a carreira nas areias. A dificuldade decorrente foi ter gerado grande conflito em relação ao grupo de jogadores da seleção, que não aceitaram a reentrada, naquele momento, dele e de Tande na equipe. Ambos, possivelmente, não estavam no melhor de suas formas físicas e técnicas. Os demais jogadores entendiam que vinham treinando há bastante tempo e na hora aprazada de ir para Sydney, no instante do “filé mignon”, surgiam os dois

supostos “salvadores da pátria”. A questão decorreu do fato de o técnico entender, tanto quanto a Confederação Brasileira de Voleibol, que seria importante a presença dos dois atletas, campeões nos Jogos Olímpicos de 1992.

Giovane, em sua entrevista, declara que entendeu ter havido uma imposição ao grupo de jogadores, tanto de sua presença como a de Tande. Os atletas não aceitaram a volta dos dois atletas, que não tendo se classificado no vôlei de praia, para os Jogos Olímpicos, entraram em um time que já estava formado, provocaram uma cisão interna, e, provavelmente, contribuíram para que o Brasil terminasse sua participação em quinto lugar.

Todavia, o atleta que tem dotação e qualidade de vencedor, sofre o embate, reage, luta e recupera seu espaço, haja vista seu comentário quando cita a final do Campeonato Mundial de 2002:

“Em 2002, teve o episódio do saque onde eu fiz os três últimos pontos do Campeonato Mundial. Naquele campeonato fiz três pontos e saí como um herói, como o Giba que fez trezentos. Então, isso ficou mais forte ainda, que às vezes, né, não precisa fazer trezentas bolas, mas você pode fazer as que forem destinadas a você. Faça de uma maneira muito intensa, forte, que você pode ter essa sensação de realização, mesmo com três bolas só.”

Giovane ensina que se cada um fizer o seu melhor nos momentos em que realmente isso interessa, essa é a condição suficiente para uma lembrança eterna. O importante, nesses instantes, como diz o atleta, é cumprir a tarefa que lhe é destinada, com excelência (*Areté*). A constatação de se render o máximo está ligada àqueles momentos mágicos, que duram minutos ou até segundos, em que a ação tem a qualidade da perfeição. É o *ace*, a cortada no momento inesperado, o imprevisível para a equipe “inimiga”. O que importa é o resultado da sua ação.

Após falar sobre seus erros e muitos acertos, Giovane, em conversa com Bernardinho, em 2003, na Vila Pan-americana, fala do futuro provável, daquilo que gostaria de ser:

“Como é que é ser técnico, você acha que eu vou conseguir?” Bernardinho responde: *“Se você estiver disposto a sacrificar mais vinte anos da sua vida, você vai conseguir”*.

E Giovane conseguiu, hoje já é um dos grandes técnicos brasileiros. Fica, então, o aprendizado de que muitas coisas precisam ser sacrificadas quando se quer realizar o futuro antevisto. A decisão precisa ser tomada quando o caminho já está

escolhido. Abre-se mão de confortos, aconchegos, da família, do descanso, do despertar tardio, das baladas... Enfim, ao se tomar uma decisão, tudo o mais será passado e não haverá mais como se olhar para trás ou se lamentar o que foi abandonado. Por outro lado, ganhar-se-á muito e, dentre isso, poder deixar o seu nome na história.

Quando Aquiles nasceu e sobreviveu, apesar das tentativas “insanas” de Tétis para torná-lo imortal, a deusa foi consultar Tirésias, o mântico das causas cíveis, a fim de questioná-lo sobre o futuro de seu amado filho. O vidente a ouviu atentamente e respondeu-lhe que se o menino escolhesse uma vida heroica e plena de glórias teria morte precoce, porém se optasse por uma vida pacata e anônima, viveria por muitos e muitos anos. Aquiles escolheu ser guerreiro e deixou seu nome como o maior herói aqueu da Guerra de Troia (Lima e Döering-Silveira, 2010).

De outra parte, ainda nos servindo do mito, lembramos Orfeu. O herói, poeta, cantor, exímio músico, filho de Apolo, desceu ao reino dos inferos para buscar sua amada Eurídice, mordida pela picada de uma serpente quando fugia do assédio de Aristeu. Depois de cantar e encantar os condenados do Hades, como também os regentes Hades e Perséfone, Orfeu pediu que lhe fosse devolvida Eurídice, sua *dimidium animae eius* – alma metade de si (Brandão, 1992, p.196). Consentido que assim se desse, foi imposto a Orfeu não olhar para trás, até deixar o reino das profundezas. Segundo Alvarenga (2007), Orfeu, ansioso por ter Eurídice de volta à vida, temendo estar sendo enganado, e aficionado a pressupostos do anteriormente vivido, olhou para trás, voltou-se para o passado ou ficou no antigo. Foi aos inferos e não morreu para o que precisava morrer. Não resistiu à ansiedade de querer ter as coisas no seu tempo e não no tempo das coisas em si mesmas e pôs tudo a perder. Perdeu Eurídice pela segunda vez.

Giovane conseguiu perseguir seu sonho e, tudo indica, não olhou para trás. Como decorrência dos próprios feitos podemos entender sua fala seguinte sobre a importância do reconhecimento do público:

“Eu acho que é bom ser reconhecido, é bom dar autógrafo, ver os olhos das pessoas.”

A *timé*, a honorabilidade, o reconhecimento, é algo desejado por todos os seres humanos. Receber as honras pelos feitos alimenta a psique, concorrendo para uma melhor estruturação da autoestima. O retorno, o *feedback*, engrandece quem realizou o feito e traz forças para manter-se e seguir em um caminho vitorioso.

O mito, quando entendido e lido como uma grande metáfora, revela-se um acervo de informações que se traduzem para quem dele se serve como fonte de conhecimento de si e do mundo.

Para encerrar o capítulo, farei um relato sumário do mito do retorno de Ulisses, em sua longa jornada de volta ao lar (Homero, 1962a).

Ulisses, em sua jornada de volta da guerra de Troia para Ítaca, seu reino, passa por inúmeras situações e provas. Não desiste nunca, apesar de apanhar e perder muitas vezes. Retorna após quase vinte anos, sozinho, sem nenhum dos companheiros. Ulisses é a expressão do herói que cometeu erros, perdeu batalhas, mas se reinventou, passou por sofrimentos insólitos e não desistiu. É o herói da méti, da sagacidade e também da tenacidade.

Mesmo derrotado em muitos episódios de sua jornada, sabia o que queria e onde iria chegar. No final, conseguiu alcançar seu objetivo, sua meta, seu destino. O mito de Ulisses mostra a questão da perseverança como uma virtude fundamental para aquele que quer vencer. E que é preciso saber qual o objetivo a ser alcançado.

O mito de seu retorno retrata um personagem heróico profundamente humano, pois se descreve com muitos defeitos, fracassos e perdas, dores e sofrimentos. É uma história de vida de quem jogou e perdeu e se retomou, reconquistou, refletiu, amadureceu, enriqueceu com as próprias derrotas e venceu (Baptista & Alvarenga 2011).

Ulisses foi herói, líder: um mestre.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar nas considerações finais ocorreu-me descrever as transformações emocionais pelas quais passei ao escrever minha dissertação de Mestrado e, a seguir, sobre as motivações e ideias que emergiram em meu psiquismo e que configuraram, no meu entender, possibilidades de novos projetos para minha vida acadêmica e de profissional liberal.

Minha surpresa foi que redescobri a importância que o mito tem como fonte de ensinamentos simbólicos. Lembrando Junito Brandão, citado nesta dissertação: “Quando eu conheço o mito, eu conheço o segredo das coisas”. Se conhecer o mito redonda conhecer o segredo das coisas, implica também conhecer a minha própria natureza, quanto ao seu sentido mais primordial.

Ao escrever o texto, fui também me desafiando, atualizando memórias, lembranças alegres e outras sofridas, momentos de impasses, de dúvidas, de conflitos que vivi e, felizmente, superei. Certamente o herói esteve presente. A vida me cobrou o cumprimento de tarefas que, agora entendo, foram ritos de passagem.

O momento em que decidi deixar o curso de Direito, quando restavam somente dois anos para sua conclusão, assim como o abandono do curso de Esporte na USP, foram decisões muito difíceis de tomar. Tive, na época, o apoio incontestado de meus pais e da psicóloga Dr^a. Ceres de Araújo, que muito contribuíram para que conseguisse atravessar “minha noite escura”. Fazer o curso de Medicina foi muito gratificante e representou também uma trajetória heroica.

Após alguns anos, já trabalhando como profissional médico, consegui retornar para a Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, onde fui aprovado no vestibular por duas vezes, dessa vez para realizar o Mestrado, o que representou um prêmio com o qual a vida me presenteava.

Creio ser importante reproduzir um momento histórico ocorrido na vida de Dr^a. Nise da Silveira, emérita psiquiatra brasileira que criou o Museu do Inconsciente, no Rio de Janeiro. Em 14 de junho de 1957, Dr^a. Nise foi recebida pelo Dr. Jung, na residência dele, em Kusnacht, Suíça. Em seu texto (1982, p.98), ela própria faz o relato desse célebre encontro:

“Sentada diante do mestre, no seu gabinete de trabalho, junto à larga janela com vista sobre o lago, falei-lhe do desejo de aprofundar meu trabalho no hospital psiquiátrico, de minhas dificuldades de autodidata. Ele me ouvia muito atento. Perguntou-me, de repente:

Você estuda Mitologia?

Não, eu não estudava Mitologia.

Pois se você não conhecer mitologia nunca entenderá os delírios de seus doentes, nem penetrará na significação das imagens que eles desenhem ou pintem. Os mitos são manifestações originais da estrutura básica da psique, por isso seu estudo deveria ser matéria fundamental para a prática psiquiátrica.”

Tenho plena convicção de que se quisermos entender um pouco mais sobre o que acontece na dinâmica do esporte também precisaremos estudar Mitologia, pois o mito fala basicamente do ser humano e de suas dificuldades, de sua estrutura emocional, de seus paradigmas, alerta sobre o futuro, traz soluções para os impasses da vida. E o Esporte é um reino que pertence a esse universo.

Relembrando Joseph Campbell sobre o mito cumprir quatro funções, quais sejam: religiosa, por concorrer para harmonizar a consciência; lógica, por interpretar as imagens do universo; ética, por dar respaldo, de ordem moral, às vivências; e estruturante, por conduzir os humanos pelos estágios da vida, reitero minha convicção de ser o mito uma fonte, um acervo de conhecimento, necessário ser conhecido para melhor podermos nos exercer nos incontáveis momentos da vida.

É impressionante o quanto o mito retrata as entranhas da alma de cada ser humano. Escrever a dissertação de Mestrado representou-me um grande esforço, com muitas e muitas horas de pesquisas, finais de semana de estudos, leituras e escritas utilizadas para sua finalização. Ao terminá-la, concluo a importância de ter percorrido tal caminho, pois pude me conhecer mais e melhor durante o processo.

E, em toda a jornada, o mito foi fundamental.

Conhecer o mito configura servir-se de um conhecimento que nos faz iniciados nos “mistérios”, com harmonia de consciência, cômicos de nossas tarefas e responsabilidades. Saber o mito faz sabermos-nos heróis, como concorre para descobriremo-nos trilhando o caminho que nos transformará em mestres.

A constatação que esta dissertação me trouxe, pelas fontes que busquei, foi a de ser cada vez maior a importância dada aos fatores psicológicos que envolvem o

fenômeno do esporte. E, por outra parte, se a atividade se mantiver alicerçada somente nos aspectos pragmáticos e práticos, deixando para segundo ou terceiro planos os psicodinâmicos, o resultado, possivelmente, surgirá na forma de fracasso. Plutarco (2000) cita o general e político romano Pompeu como o autor da frase “Navegar é preciso, viver não é preciso”, usada por Fernando Pessoa em seu famoso poema no qual canta Portugal. O sentido simbólico do verso, usado pelo poeta luso, retrata a alma desbravadora portuguesa na busca de novos caminhos, revelando a necessidade de ter que navegar para outros destinos. Por outro lado, pode-se entender como o sentido da precisão de um comandante para que o porto final seja alcançado. Ter uma liderança também é preciso no esporte, por isso faz-se tão importante sua presença, na figura do técnico.

As histórias de vida dos três personagens escolhidos para compor a dissertação (Bebeto de Freitas, Bernardinho e Giovane) revelam semelhanças significativas no empenho e dedicação às funções e atividades, que concorreram, certamente, para o conseguimento dos louros alcançados em suas carreiras profissionais.

Os três começaram suas jornadas ainda crianças e tiveram apoio de suas famílias. O fato faz pensar no quanto foram agraciados com as benesses da vida, no quanto cada qual, de per si, foi desafiado para cumprir tarefas e aceitou o desafio.

Tanto Bebeto, quanto Bernardinho ou Giovane foram à busca do próprio processo de desenvolvimento pessoal em outros países, em outras terras, enfrentando desafios heroicos na consecução de seus objetivos. Bebeto confirmou, em sua entrevista, o ganho obtido, o quanto aprendeu nos EUA, assim como Bernardinho, quando de seu tempo na Itália como técnico, ou Giovane, como jogador, no mesmo país. É possível considerar essas etapas de vida como tempos ritualísticos de passagem, próprios das vivências heroicas experimentadas, preparatórias para chegar à qualificação de se tornar, cada um, técnico-mestre. Em suas jornadas foram heróis, sem o que não alcançariam a competência de mestres.

Após seus tempos heroicos, que considero ritualísticos, os três retornaram ao Brasil, ricos de experiências, motivados para novas empreitadas. Bebeto trouxe inovações quanto a novos métodos de treinamento e criou a “raça” dos atletas do vôlei. Bernardinho veio com ideias de meritocracia e instituiu a divisão dos prêmios com a equipe e Giovane aportou com a convicção da importância de se responsabilizar e dar o melhor de si para a equipe.

Todos reconheceram a importância de uma equipe multidisciplinar, do trabalho em equipe, concluindo com muita sabedoria que ninguém faz nada sozinho, que é preciso muito trabalho para se alcançar os objetivos e fugir da tentação de se achar maior do que realmente seja.

Na condição de técnicos-mestres contribuem de maneira mais efetiva com seus comandados, por terem vivido previamente experiências similares às dos discípulos. A aquisição de competência que os transformou em técnicos, como Bebeto e Bernardinho, demandou anos de trabalho, sofrimentos e perdas, implicou em paciência, temperança e força, recursos que refletem dotações de personalidade que muitos desejam e poucos têm ou conseguem usufruir. Giovane, ainda em tempos de formação global, reflete as características de quem um dia irá conquistar sua ambição: tornar-se técnico da seleção brasileira de voleibol, o seu objetivo.

Esta dissertação diz respeito, em primeira instância à importância da pessoa do técnico como líder de seus comandados. Ele configura a condição do líder, em seu sentido mais amplo, por assumir a condição de “mestre” na relação com seus atletas, ou seja: congregando as funções de treinador – organizando, prevendo estratégias, antevendo defesas, fazendo substituições pertinentes; sendo incentivador – estimulando, aplaudindo, reconhecendo os méritos de seus atletas; sendo compreensivo – aceitando os momentos de crise, as falhas e os fracassos da equipe; sendo paciente – esperando seus comandados se recuperarem; sendo exigente – cobrando mais esforços, treinos, dedicação, responsabilidade; sendo ouvinte e confiante – promovendo a melhoria das interações grupais; sabendo contar histórias quando não restar outra forma de ensinar, compreender, acolher, amparar, que não a condição de contar parábolas (o contar histórias faz o indivíduo perceber-se pertencente a uma realidade maior, o que concorre para criar um clima interior, subjetivo de tranquilidade e quietude).

O técnico pode, deve e precisa estar apto para se exercer segundo essas tantas funções e nas associações desenvolvidas com o mito de Quíron pode-se vislumbrar a importância que este referencial confere na estruturação do papel do treinador.

A par desse, a figura do atleta, principalmente o de alto rendimento, tem muitas semelhanças com o personagem mítico chamado herói, pela condição de cada um, de per si, revelar-se uma figura excepcional, ímpar, apresentando-se – herói e atleta – como aquele que ultrapassa os limites, supera recordes, realiza façanhas vistas como impossíveis.

O herói mítico e seu grande mentor, o centauro Quíron, são imagens que traduzem condições primordiais, presentes em todos os seres humanos, mas que nos exemplos dos atletas e seus técnicos emergem como demandas formidáveis, excepcionais, desejosas de total atualização de suas condições arquetípicas.

As vidas dos três técnicos escolhidos como modelos paradigmáticos de “mestres”, revelaram-se de fundamental importância, por serem expressões de pessoas competentes, empenhadas em seu *míster*, realizadoras: mestres por direito, por assim terem se revelado.

O mito de Quíron fecha o trabalho por ser a tradução da majestade do modelo arquetípico de ser um tutor, mestre maior dessa condição ímpar que, ao se atualizar, ou melhor, ao se humanizar, revela-se com a dotação dos excepcionais, dos que fazem mais do que lhes é pedido, e que, ao mesmo tempo, sabem exigir. O mestre surge quando o aluno se apresenta, mas quando o mestre se apresenta o fascínio que o envolve mobiliza a emergência do aluno. E o mito revela essa mensagem.

Por reeditar fenômenos primordiais ele aponta, também, soluções para conduzir as emoções, os conflitos, os complexos. Seja para ganhar ou perder: a importância do mito retrata que a condição mais importante reside no fazer.

Herói é o que faz!

Viver o momento, em toda a sua intensidade é fundamental, passar pelo processo é imperioso. O caminho se revela e se faz na própria trajetória.

8. REFERÊNCIAS

ALVARENGA, M. Z. (Org.). **Mitologia simbólica** – Estruturas da psique e regências míticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

_____. **Édipo**: um herói sem proteção divina. A saga dos labdácidas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009a.

_____. **Ulisses e a instituição do código de honra**. Anales del V Congreso Latinoamericano de Psicología Analítica, Eros y Poder em La práctica clínica, la educación y la cultura. Santiago-Chile, 2009b.

_____. Depressão, a dor de alma de quem perdeu-se de si mesmo. **Revista Junguiana**, 25. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 2007.

_____. Vida e morte – Morte e vida – correlações mítico-simbólicas. **Revista Junguiana**, 23. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 2005. p.94-106.

_____. O herói e a emergência da consciência psíquica. **Revista Junguiana**, 17. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 1999. p.47-56.

APOLODORO. **Biblioteca mitológica**. Traducción, introducción y notas de Julia Garcia Moreno. Colección de Clásicos de Grecia y Roma. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

BAPTISTA, S. M. S.; ALVARENGA, M. Z. **Ulisses** – o herói da astúcia. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2011.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

_____. **Memória e sociedade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BRANDÃO, J. S. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis: Vozes, 1992. v.II.

_____. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis: Vozes, 1991. v.I.

_____. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987a. v.II.

_____. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987b. v.III.

_____. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1986. v.I.

CAMPBELL, J. **Isto és tu** – redimensionando a metáfora religiosa. São Paulo: Landy, 2002.

_____. **A extensão interior do espaço exterior** (A metáfora como mito e religião). Rio de Janeiro: Campus, 1991.

_____. **O poder do mito**. São Paulo: Associação Palas Athena, 1990a.

_____. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1990b.

CHAPPUIS, R.; THOMAS, R. **El equipo deportivo**. Barcelona: Paidós, 1989.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1996.

COUSINEAU, P. **O ideal olímpico e herói de cada dia**. Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Mercúrio, 2004.

DIEL, P. **O simbolismo na mitologia grega**. São Paulo: Attar, 1991.

DZHAMGÁROV, T. T.; RUMIÁNTSEVA, V. I. **Liderazgo en el deporte**. Moscou: Veshtorgizdat, 1989.

EIROÁ, J. G. **Deportes de equipo**. Barcelona: Inde, 2000.

ELIADE, M. **O mito do eterno retorno**. Arquétipos e repetição. Tradução de Manuela Torres. Círculo de Leitores, por cortesia de Edições 70, 1990.

_____. **Mitos, sonhos e mistérios**. Tradução de Samuel Soares. Lisboa: Edições 70, 1989.

ÉSQUILO. **A Oréstia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999a.

_____. **Prometeu acorrentado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999b.

EURÍPIDES. **Medeia, Hipólito e as troianas**. Tradução do grego, apresentação e notas de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Las diecinueve tragedias, Helena**. Mexico: Undecima Edicion, 1979. p.345-73.

FERRANDO, N. P.; BARATA, F. L. O. (Orgs.). **Sociología del deporte**. Madrid, 1998.

FONSECA, J. **Psicoterapia da relação** – Elementos de psicodrama contemporâneo. 2. ed. São Paulo: Ágora, 1999.

GARCÍA-MAS, A. Análisis psicológico del equipo deportivo. Las bases del entrenamiento psicológico. In: FELIU, J. C. (Org.). **Psicología del deporte**. Madrid: Síntesis, 1997.

GONZÁLEZ, J. L. **Psicología del deporte**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1997.

GRAVES, R. **O grande livro dos mitos gregos**. Tradução Fernando Klabin. São Paulo: Ediouro, 2008.

GROESBECK, C. J. A imagem arquetípica do médico ferido. **Revista Junguiana**, 1. Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, 1983.

GUSDORF, G. **Professores para quê?** Para uma pedagogia da pedagogia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HENDERSON, J. L. In: JUNG, C. G. e cols. **El hombre y sus símbolos**. Traducción del inglés Luis Escobar Bareno. Madrid: Aguilar, 1966.

HESÍODO. **Obras e fragmentos**. Madrid: Gredos, 1993.

HILL, N. **A lei do triunfo**. Tradução de Fernando Tude de Souza. São Paulo: José Olympio, 1992.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1962a.

_____. **Ilíada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1962b.

I CHING, O livro das mutações. Tradução para o português de Peixoto de Souza e Maria Judith Martins. São Paulo: Hemus, 1972.

JACKSON, S. A. **Emotions in sport**. In: HANIN e cols. Champaign: Human Kinetics, 2000.

JAEGER, W. **Paideia**: A formação do homem grego. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

JUNG, C. G. **Chaves resumo das obras completas**. Coordenação Editorial Carie Lee Rothgeb, National Clearinghouse for Mental Health Information. Tradução Arlene Ferreira Caetano. Revisão terminológica e conceitual de Heloisa Cardoso. Rio de Janeiro. 1999.

_____. Arquétipos e o inconsciente coletivo. **Obras Completas**. v.IX/1. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. Símbolos de transformação. **Obras Completas**. v.V. Petrópolis: Vozes, 1986.

KERÉNYI, K. **Os deuses gregos**. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. **Os heróis gregos**. São Paulo: Cultrix, 1993.

LIMA, D. A. S.; DÖERING-SILVEIRA, E. Tétis - A Nereida. In: ALVARENGA e cols. **Mitologia simbólica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

LOHER, J. In: MURPHY, S. **The sport psych handbook** – a complete guide to today's best mental training techniques. Champaign: Human Kinetics, 2005.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Horizonte, 1987. v.2.

MARTENS, R. **Coaches guide to sport psychology**. Champaign: Human Kinetics, 1987.

NUNES, A. V. **A Influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro**: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em jogos olímpicos e campeonatos mundiais. São Paulo, 2011.

PIERI, P. F. **Dicionário junguiano**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus & Vozes, 2002.

PLATÃO. **Protágoras**. Tradução, introdução e notas de Ana da Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Humanitas, 1999.

POIRIER, J.; VALLADON, S. C.; RAYBAUT, P. **Histórias de vida**. Teoria e prática. Oeiras: Celta, 1999.

PLUTARCO. **Vidas paralelas**. Introdução, tradução e notas de Aurélio Perez Jimenez. Madrid: Gredos, 2000. v.V.

RIOUX, G.; CHAPPUIS, R. **Cohesión del equipo**. Valladolid: Miñón, 1979.

RUBIO, K. **Medalhistas olímpicos brasileiros**: histórias, memórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006a.

_____. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, 18, 2006b. p.86-91.

_____. A história de vida como método e instrumento para apreensão do imaginário esportivo contemporâneo. **Revista Motus Corporis** (UGF). Rio de Janeiro, 11(01): 09-21, 2003a.

_____. Estrutura e dinâmica dos grupos esportivos. In: RUBIO, K. (Org.). **Psicologia do esporte**: teoria e prática. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003b.

_____. **O atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. O imaginário esportivo ou seriam heróis os atletas modernos? **Revista Motus Corporis**, 07(02): 56-74, 2000.

RUSSEL, G. W. **The social psychology of sport**. Nova York: Springer-Verlag, 1993.

SILVA, M. L. S.; RUBIO, K. Superação no esporte: Limites individuais ou sociais? **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 03(03): 69-76, 2003.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1982.

SORIANO, F. **A bola não entra por acaso** – estratégias inovadoras de gestão inspiradas no mundo do futebol. Tradução Marcelo Barbão. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Foundations of sport and exercise psychology**. Champaign: Human Kinetics, 1995.

WHITMONT, E. C. **A busca do símbolo**. Conceitos básicos de psicologia analítica. São Paulo: Cultrix, 1990.

WIDMEYER, W. N.; BRAWLEY, L. R.; CARRON, A. V. Group dynamics in sport. In: HORN, T. S. (Ed.). **Advances in sport psychology**. Champaign: Human Kinetics, 1992.